

**UnB**

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisual e Publicidade

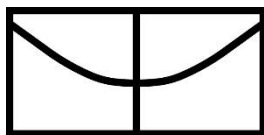
**O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM:**

Uma representação visual

Julia Ribeiro Melo de Moraes e Laura Farage Assunção

12/0152606 e 13/0012505

Brasília, Distrito Federal, novembro de 2017



**UnB**

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisual e Publicidade

**O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM:**

Uma representação visual

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de grau Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual, sob orientação do professor Ms. Ronald Souza de Jesus.

Brasília, Distrito Federal, novembro de 2017

Júlia Ribeiro Melo de Moraes e Laura Farage Assunção

## **O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM:**

### **Uma representação visual**

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de grau Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Audiovisual, sob orientação do professor Ms. Ronald Souza de Jesus.

Aprovado em novembro de 2017

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Ms. Ronald Jesus - Orientador

---

Dra. Liliane Machado

---

Dra. Rose May Carneiro

---

Dra. Selma Oliveira - Suplente

*Este trabalho é dedicado à Luciana Ribeiro (in memoriam).*

## **AGRADECIMENTOS**

*Por nós*

Ao nosso orientador, Ronald, pelo apoio e interesse durante todo o nosso projeto e por ter nos acolhido mesmo em um prazo tão curto. Obrigada por ter acreditado em nosso trabalho.

A Liliane, por todas as indicações que nos deu nas fases iniciais do trabalho. Não teríamos saído da estaca zero se não fosse o seu apoio.

As professoras Rose May e Selma, por aceitarem fazer parte da nossa banca.

As nossas costureiras, Danusia e, especialmente, Délia, pelo comprometimento e carinho em fazer os nossos figurinos. Nada teria acontecido se não fosse por vocês.

As nossas incríveis modelos, Bárbara, Isabela, Raila e Verônica, pela disposição em participar de um projeto tão trabalhoso mesmo sem remuneração. Seremos eternamente gratas pelo comprometimento de cada uma de vocês com o nosso trabalho.

Aos nossos amigos, que auxiliaram durante todo o nosso processo com mão de obra, lanchinhos e opiniões. Vocês foram essenciais para que conseguíssemos terminar tudo a tempo.

*Por Júlia*

Agradeço ao meu pai, por sempre estar presente e me dar todo o suporte necessário. Obrigada me incentivar em tudo que fiz desde sempre.

À Vivian, por ser minha prima-irmã que me faz rir até nas horas mais difíceis. Você é absurdamente especial, e mais do que isso, essencial.

À minha família, minha estrutura e meu amor maior.

Às minhas amigas maravilhosas, que me inspiram, fortalecem, ensinam. Vocês são mulheres fantásticas, exemplos daquilo que quero me tornar.

À Délia, que costurou lindamente as roupas do figurino, e que me acolheu com tanto carinho em tantas visitas que fiz esse semestre – e ao longo da vida.

Ao Gabriel, que ajudou durante os ensaios, acompanhou horas e horas de escrita e estudo e nos cedeu um espaço com silêncio, ar condicionado e sua excelente companhia.

À Laura. Jamais teria conseguido começar, continuar e concluir essa etapa se não fosse com você. Sou infinitamente grata por isso, mas mais grata ainda por ter a oportunidade de ter você como amiga e partilhar vivências e pensamentos. Que bom que temos uma a outra! Amo você, obrigada por fazer a vida valer mais a pena.

Por fim, à minha mãe, Luciana, à quem esse trabalho é dedicado, meu maior exemplo e minha maior saudade. Um exemplo de afetuosidade, persistência, graciosidade e força. Não há palavras que compreendam a importância que sempre terá na minha vida. É uma honra ser filha da mulher mais incrível que já conheci. Sou eternamente grata.

*Por Laura*

Aos meus pais, José e Délia, por todo o apoio que me deram durante a vida. Por sempre terem me dado as melhores oportunidades e acreditados nos meus sonhos desde sempre.

Aos meus irmãos, Sônia e Pedro, por serem os melhores irmãos do mundo.

À minha família, por ser sem dúvidas a melhor família do mundo.

Ao Gabriel, pelo amor e suporte. Por ter estado comigo nos meus momentos mais difíceis. Essa conquista é tão sua quanto minha.

Às minhas amigas, por me mostrarem todos os dias a força de ser mulher. Vocês me inspiram.

Por fim, à Júlia, pela amizade e parceria ilimitada. Eu jamais conseguiria colocar em palavras a quão grata eu sou por ter você em minha vida. Obrigada por tudo. Eu tenho muito orgulho de você. A imensidão é sempre mais fácil ao seu lado.

Se você alguma vez foi chamada de desafiadora, incorrigível, saliente, esperta, insubmissa, indisciplinada, rebelde, você está no caminho certo. A Mulher Selvagem está por perto.

ESTÉS, Clarissa.

## RESUMO

A representação das mulheres, historicamente, foi marginalizada em diversas áreas do conhecimento. Seus corpos foram sexualizados, suas inteligências questionadas e seus feitos invisibilizados. Levando esse cenário em consideração, esse trabalho procura realizar um ensaio fotográfico para representar mulheres através do olhar de outras mulheres, de uma forma mais digna, baseando-se no arquétipo da Mulher Selvagem proposto por Clarissa Pinkola Estés em seu livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Mulheres. Feminismo. Fotografia. Mulheres que correm com os lobos.*



## **ABSTRACT**

Women representation has been historically marginalized in several areas of knowledge. Their bodies were sexualized, their intelligence was questioned and their achievements were hidden. Considering this scenario, this work intends to make a photographic essay that depicts women through the eyes of other women, in a more dignified way, based on the archetype of the Wild Woman proposed by Clarissa Pinkola Estés in her book *Women who run with the wolves: myths and stories of the Wild Woman Archetype*.

**KEY WORDS:** *Women. Wild. Feminism. Photography. Women who run with the wolves.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Cronograma de atividades .....	21
Figura 1 - Paleta de cores.....	27
Figura 2 - Referencias visuais da personagem La Loba .....	29
Figura 3 - Croqui do figurino da personagem La Loba .....	30
Figura 4 - Plano da carta da personagem La Loba .....	31
Figura 5 - Referências visuais da personagem Barba Azul .....	34
Figura 6 - Croqui do figurino da personagem Barba Azul .....	35
Figura 7 - Plano da carta da personagem Barba Azul .....	36
Figura 8 - Referências visuais da personagem Mulher Esqueleto .....	40
Figura 9 - Croqui do figurino da personagem Mulher Esqueleto .....	41
Figura 10 - Plano da carta da personagem Mulher Esqueleto .....	42
Figura 11 - Referências visuais da personagem Vasalisa .....	46
Figura 12 - Croqui do figurino da personagem Vasalisa .....	47
Figura 13 - Plano da carta da personagem Vasalisa .....	49

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PROBLEMA DE PESQUISA .....	13
3	OBJETIVOS .....	14
3.1	Geral .....	14
3.2	Específico.....	14
4	JUSTIFICATIVA .....	15
5	METODOLOGIA .....	18
6	REFERENCIAL TEÓRICO .....	22
6.1	O inconsciente coletivo e os arquétipos .....	22
6.2	O livro .....	23
6.2.1	<i>A autora.....</i>	23
6.2.2	<i>O livro .....</i>	24
6.3	A fotografia do feminino .....	24
7	DESENVOLVIMENTO .....	27
7.1	Pré-produção .....	27
7.2	Produção e direção de arte .....	27
7.2.1	<b><i>La Loba: aquela que sabe .....</i></b>	<b>28</b>
7.2.1.1	<i>O resumo do conto .....</i>	28
7.2.1.2	<i>A análise de Estés .....</i>	28
7.2.1.3	<i>Referências visuais .....</i>	29
7.2.1.4	<i>Croqui e direção de arte .....</i>	30
7.2.1.5	<i>Plano da carta .....</i>	31
7.2.2	<b><i>Barba Azul: a iniciação .....</i></b>	<b>32</b>
7.2.2.1	<i>O resumo do conto .....</i>	32
7.2.2.2	<i>A análise de Estés .....</i>	33
7.2.2.3	<i>Referências visuais .....</i>	34
7.2.2.4	<i>Croqui e direção de arte .....</i>	35
7.2.2.5	<i>Plano da carta .....</i>	36
7.2.3	<b><i>Mulher-Esqueleto: a vida-morte-vida .....</i></b>	<b>37</b>
7.2.3.1	<i>O resumo do conto .....</i>	37
7.2.3.2	<i>A análise de Estés .....</i>	38
7.2.3.3	<i>Referências visuais .....</i>	40
7.2.3.4	<i>Croqui e direção de arte .....</i>	41
7.2.3.5	<i>Plano da carta.....</i>	42
7.2.4	<b><i>Vasalisa: a intuição .....</i></b>	<b>43</b>
7.2.4.1	<i>O resumo do conto .....</i>	43
7.2.4.2	<i>A análise de Estés .....</i>	44
7.2.4.3	<i>Referências visuais .....</i>	46
7.2.4.4	<i>Croqui e direção de arte .....</i>	47

7.2.4.5 Plano da carta .....	48
<b>7.3 Pós-produção.....</b>	<b>50</b>
<b>8 RESULTADO FINAL DAS CARTAS .....</b>	<b>51</b>
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>63</b>
<b>10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>65</b>
<b>11 APÊNDICES .....</b>	<b>67</b>
<b>12 ANEXOS.....</b>	<b>68</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Foi a partir do momento em que começamos a questionar o nosso papel enquanto mulheres que entramos a fundo nos estudos feministas. Logo no início de nossa investigação, percebemos como a nossa representação era marginalizada em muitos lugares. Sentimos falta de trabalhos artísticos que representem a mulher de uma forma mais individual e real, não como um complemento do homem. Mais ainda, identificamos uma deficiência geral na visibilidade de trabalhos produzidos por mulheres e sobre mulheres.

Os estudos feministas têm tomado um espaço cada vez maior na academia e a representação das mulheres é um tópico recorrente em diversos ambientes. Ainda que não estejamos no cenário ideal, o papel das mulheres já é constantemente questionado e criticado, abrindo um leque de possibilidades para os estudiosos de todas as áreas. A responsabilidade de uma representação justa está em grande parte, então, nas mãos dos produtores de conteúdo e dos divulgadores.

O livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés, nos inspirou a realizar esse trabalho. A autora traz uma reflexão sobre o arquétipo da Mulher Selvagem, alegando que esta faz parte de todas as mulheres desde o início dos tempos.

O livro conta mitos e histórias de diversos lugares do mundo e dos mais remotos tempos, reforçando que a representação das mulheres não foi sempre como tem sido nos últimos séculos. A autora analisa em cada capítulo uma ou duas histórias, trazendo em uma linguagem simples reflexões muito pertinentes acerca dos contos.

A Mulher Selvagem é tudo aquilo que a sociedade cerceou das mulheres por tanto tempo: ela é intuitiva, forte, astuta, justa e boa – mas não boa demais. Ela sabe quando começar e quando acabar algo, ela é autossuficiente, confiável e leal. Buscá-la dentro de si pode ser ardiloso, mas recompensador. Encará-la de frente é um passo primordial para o amadurecimento da alma feminina.

Desse modo, o presente trabalho busca trazer uma representação visual das personagens mulheres das histórias trazidas no livro, distanciando-se da noção de que a mulher tem um papel secundário em relação ao homem e tentando representar, assim, a Mulher Selvagem em sua forma mais genuína.

## 2. PROBLEMA DE PESQUISA

Desde que começamos a nos envolver no mundo das artes, muitos questionamentos acerca da representação das mulheres começaram a nos rodear. Como estudantes de Comunicação em uma época em que as discussões acerca desse tema crescem cada dia mais, não apenas no âmbito dos movimentos sociais, mas também dentro da academia, o nosso envolvimento com estudos feministas foi inevitável.

Existe um movimento crescente de mulheres nas artes, produzindo e sendo representadas de formas diferentes das usuais. Por isso, decidimos realizar esse projeto com o intuito de tentar trazer mais um trabalho feito por mulheres sobre mulheres.

A partir da leitura do livro *Mulheres que correm com lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés, nos indagamos: como seriam as representações visuais do arquétipo da Mulher Selvagem? Como poderíamos, sob a nossa ótica, transformar os mitos e histórias em fotografia? Como aproximar outras mulheres das características da Mulher Selvagem?

### 3. OBJETIVOS

#### 3.1. GERAL

Propor uma representação visual, sob a nossa ótica, dos mitos e histórias abordados no livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés, fomentando, assim, uma discussão acerca da Mulher Selvagem e de como nós, mulheres, podemos entrar em contato com ela.

#### 3.2. ESPECÍFICO

- Empreender a revisão bibliográfica acerca dos temas abordados na pesquisa.
- Fomentar uma discussão sobre o papel das mulheres na sociedade, bem como a forma que somos vistas e os padrões a nós impostos.
- Realizar um ensaio fotográfico que represente algumas mulheres dos mitos e histórias descritos no livro.
- A partir das fotos obtidas no ensaio, produzir cartas que representem cada personagem fotografada.
- Aproximar as mulheres do conteúdo abordado no livro de uma forma visual, buscando despertar os aspectos relativos à Mulher Selvagem em outras mulheres.

#### 4. JUSTIFICATIVA

Quando crianças, nós mulheres ouvimos que devemos nos comportar, sentar direito, falar baixo e ser delicadas. Não podemos subir em árvores, jogar futebol ou lutar. Se os fazemos, somos masculinas, ressonadas, insubordinadas e desleixadas.

Desde antes de nascermos, existe uma fórmula de como devemos ser baseada em nosso sexo biológico. Somos abarrotadas de expectativas sobre como nos portar a partir de uma simples pergunta: é menino ou menina?, o que já denuncia como a identidade de gênero é um fator primordial para nos identificar (BUTLER, 2003).

A mulher é vista pela sociedade patriarcal como um apêndice do homem; ela não existe pelo que é, mas por aquilo que o homem decide que ela seja, de forma que sua determinação se dá em relação ao homem (BEAUVOIR, 1949). A figura do homem, então, torna-se necessária para a existência da mulher desde a infância, onde a figura masculina é representada pelo pai, até a vida adulta, com a espera do príncipe encantado. A mulher e aqueles que a cercam acreditam que não existe completude sem a figura masculina. É a partir do casamento que ela finalmente alcança o ápice da vida, transformando-se em mãe e amante (BEAUVOIR, 1949).

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido ou, em certos casos, de um protetor, é para ela o mais importante dos empreendimentos. (BEAUVOIR, 2009, P.432)

Nas áreas criativas, assim como na acadêmica, o trabalho de mulheres historicamente foi negligenciado. Sabemos que, até o século XX, muitas mulheres escritoras assinaram suas obras sob pseudônimos masculinos para poderem ser publicadas. Em um artigo publicado nos anos 70, intitulado *Por que não houve grandes mulheres artistas?*, Linda Nochlin levanta questões relativas a ausência feminina na história da arte, mostrando como são insuficientes e infundadas as explicações de que a arte feminina é inferior à produzida por homens por ser demasiadamente sensível, por ser “cientificamente comprovado” que mulheres não são capazes de produzir algo significativo em decorrência de diferenças biológicas, entre tantas outras respostas dadas a essa pergunta. Linda sugere que se trata de uma questão de privilégio, não relacionada à falta de capacidade feminina. (NOCHLIN, 2016)



Como apontou John Stuart Mill há mais de um século: “[...] tudo que é costumeiro parece natural. Sendo a sujeição das mulheres aos homens um costume universal, qualquer desvio desta norma naturalmente parece antinatural. ” A maioria dos homens, apesar do blá blá blá em prol da igualdade, estão relutantes em desistir desta ordem “natural” das coisas na qual suas vantagens são tão incríveis. (NOCHLIN, 2016, S/N)

Embora a presença de mulheres no meio artístico e científico tenha aumentado muito com o passar dos anos, ainda hoje ao questionarmos alguém sobre seus pintores, cineastas, fotógrafos ou escritores favoritos, na maioria das vezes a resposta trará nomes de homens. Essa problemática foi impulsionadora para a idealização do presente projeto, em que duas mulheres pretendem fotografar outras mulheres.

Com a ascensão do feminismo, com suas temáticas sendo amplamente discutidas no ambiente acadêmico, nas redes sociais e até mesmo em conversas de bar, trabalhos que reflitam o empoderamento da mulher e que se proponham a questionar o estereótipo de “bela, recatada e do lar”<sup>1</sup> se fazem cada vez mais necessários, para reforçar a ideia de que não há algo que a mulher deva ser: ela pode ser o que quiser.

No livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*, a escritora e psicóloga junguiana Clarissa Pinkola Estés também questiona a aceitação automática das expectativas sociais direcionadas às mulheres. Estés propõe que as dificuldades femininas de estabelecer autoconfiança, autonomia e autoconhecimento, relatadas frequentemente nos tempos atuais, são sintomas de um problema maior: a domesticação das mulheres pelas convenções sociais.

Traçando o paralelo entre mulheres e lobos, a autora traz o arquétipo da Mulher Selvagem como uma oposição à mulher domesticada por costumes repressores, que a limitam e diminuem. A autora analisa mitos e histórias recolhidos ao longo de uma pesquisa de vinte anos com cantadoras<sup>2</sup> por todo o mundo, encontrando nas histórias características da Mulher Selvagem arquetípica.

*Mulheres que correm com os lobos*, no entanto, é um trabalho denso e longo. Assim, pensamos de que forma poderíamos utilizar a Comunicação para aproximar outras mulheres dessas ideias. Em uma tentativa de torná-las mais palpáveis e

---

<sup>1</sup> Frase utilizada pela revista *Veja* para descrever a Marcela Temer, esposa de Michel Temer, em reportagem do dia 18 de abril de 2016 de Juliana Linhares <Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 28 de outubro de 2017.>

<sup>2</sup> Termo usado por Clarissa Pinkola Estés para definir contadoras e mantedora de histórias e mitos antigos.

acessíveis, decidimos realizar um ensaio fotográfico que retratasse alguns desses contos e, conseqüentemente, características da Mulher Selvagem, sob nossa ótica.

A fotografia desempenha um papel primordial para os meios de comunicação. Ela é responsável por fazer um recorte da realidade, ainda que não a seja.

A compreensão que temos do mundo, os registros e as interpretações, a transmissão de informações, completam o processo de comunicação baseado nos sistemas de signos que compõem toda e qualquer linguagem. (NICOLAU, M. et al., 2010, p. 3)

Dessa forma, ao utilizar a fotografia, os *mass media* acabam fomentando a construção de signos<sup>3</sup>. É levando em consideração essa construção que pensamos em uma forma de ligar a Comunicação e a arte, buscando uma forma de reconstruir esses signos e aproximar o leitor de uma visão diferente da representação das mulheres.

---

<sup>3</sup> Na interpretação da Semiótica de Peirce, signo é tudo que aparece ou se manifesta ao ser humano no seu cotidiano, sendo captado por meio dos seus sentidos (produzindo sensações) e podendo ser considerados pensamentos ou ideias.

## 5. METODOLOGIA

O projeto foi dividido em quatro etapas: 1 - análise bibliográfica; 2 - busca de referências visuais e produção de um plano de direção de arte; 3 - ensaio fotográfico; e 4 - edição das fotos e criação das cartas.

A primeira etapa consistiu na leitura e fichamento de artigos e livros relevantes e correlatos com os assuntos envolvidos no trabalho. Esse foi o momento no qual construímos uma base teórica para desenvolver o projeto.

O produto foi desenvolvido a partir dos mitos e histórias contidos no livro *Mulheres que correm com os lobos – mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, de Clarissa Pinkola Estés. Ao longo dessa obra, são apresentadas várias histórias e mitos e a autora analisa cada um deles, dissecando aspectos das histórias e relacionando-os com características e questões do arquétipo da Mulher Selvagem.

Como decidimos trabalhar com fotografia e cada uma das imagens a ser produzidas demandava tempo, um grande orçamento de direção de arte, modelos e disponibilidade de equipe, optamos por retratar quatro dos contos narrados, prezando assim por maior qualidade e não quantidade.

Para selecionar quais deles seriam representados visualmente, usamos dois critérios: identificação das autoras desse projeto com as histórias e análises; e votação de outras (os) leitoras (es) do livro, que também selecionaram os contos que mais os (as) afetaram.

Para realizar a votação de outras leitoras e leitores, elaboramos um formulário *online* através da plataforma TypeForm<sup>4</sup>. Nele, a pessoa deveria responder à seguinte pergunta: "Ao longo do livro *Mulheres que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, são apresentados 19 contos para explorar diferentes aspectos do arquétipo da Mulher Selvagem. De uma perspectiva individual, quais deles foram mais importantes na sua concepção?"

Nessa questão, era possível selecionar mais de um conto em uma questão de múltipla escolha com todas as histórias do livro enumeradas. Em seguida, em uma questão aberta, foi questionado: "Em relação aos contos selecionados na pergunta

---

<sup>4</sup> Plataforma de formulários on-line. Disponível em <[www.typeform.com](http://www.typeform.com)>

anterior, conte-nos por que e como eles lhe impactaram.". Foram obtidas 56 respostas e, a partir delas e da nossa visão, selecionamos as histórias e mitos que seriam fotografados.

Para conseguir as respostas, divulgamos o formulário em nossos grupos de amigos, grupos do Facebook relacionados a feminismo, clubes de leitura do livro *Mulheres que Correm com os Lobos* no Facebook e nossas páginas pessoais em redes sociais.

Por fim, foram selecionados os seguintes contos: *La Loba*, *Barba Azul*, *Vasalisa*, *a sabida*, e *Mulher-esqueleto*.

Na segunda etapa, pesquisamos referências artísticas tanto para a realização do ensaio fotográfico quanto para a produção das cartas. Para isso, utilizamos o Pinterest<sup>5</sup>. Além da plataforma, buscamos inspiração em obras relevantes pessoalmente para nós.

Foi criado um mural<sup>6</sup> para as cartas. Esse processo foi essencial para que pudéssemos elaborar o plano de direção de arte, que foi dividido em algumas etapas.

Primeiro, fizemos um croqui de cada uma das personagens<sup>7</sup> selecionadas, planejando como seriam suas vestimentas, maquiagem, roupas, acessórios e objetos de cena e composição.

Em seguida, decidimos uma paleta de cores<sup>8</sup> para as fotografias a fim de criar uma unidade entre elas.

O figurino e objetos de cena foram comprados ou produzidos por nós. Para a *La Loba*, compramos um vestido que trazia a ideia de natureza e leveza. Montamos um colar de dentes de lobo e adicionamos outros colares da própria modelo e um xale para adicionar textura ao figurino. Como objetos de cena, compramos dois ossos de boi e uma caveira de resina.

Para a *Mulher-esqueleto*, dividimos as fotografias em duas partes: na primeira, a modelo, representando a fase da personagem enquanto esqueleto, foi maquiada por

---

<sup>5</sup> Site em que se pode criar murais temáticos de inspiração, agrupando fotos e referências visuais. Disponível em <[www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)>

<sup>6</sup> Disponível no 10 deste trabalho.

<sup>7</sup> Disponíveis no tópico 7 deste trabalho.

<sup>8</sup> Disponível na página 16 do trabalho.

uma maquiadora profissional para que ela tivesse a aparência verossímil. Na segunda, a mesma modelo posou sem roupa, representando a fase que a Mulher-esqueleto ganha vida. Não houve nenhum objeto de cena para essa personagem.

A Vasalisa era a personagem cujo conto trazia mais detalhes acerca do figurino. A saia e o avental foram feitos pela nossa costureira, mãe de uma das realizadoras do projeto. A blusa foi comprada, o colete veio do nosso acervo pessoal e as botas vermelhas foram emprestadas para nós. Como objeto de cena, contamos com uma boneca artesanalmente produzida pela costureira, que veste roupas similares à da personagem e uma vara com uma caveira de resina, que compramos e montamos.

O conto do Barba-azul, segundo a nossa interpretação, é ambientado em tempos medievais. Portanto, o vestido da modelo busca lembrar as vestimentas da época. Embora quiséssemos trabalhar com azul marinho e veludo, optamos por um tecido azul claro, para que o sangue falso usado para manchá-lo tivesse mais destaque nas fotografias. Ainda que não se encaixasse tanto no contexto medieval, escolhemos um tecido sintético por causa de sua cor e textura. Como objetos de cena, tivemos sangue falso e uma chave feita por nós em EVA, jornal e tinta spray.

Para o ensaio fotográfico, selecionamos as modelos de acordo com os desenhos realizados. Entramos em contato com colegas e amigas que se assemelhassem a eles. Alugamos o estúdio A da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, preferido por ser todo preto, o que nos ofereceu maior controle de iluminação. Além disso, o fundo preto nas fotos destaca as personagens.

O equipamento utilizado foi uma câmera Canon T2i e uma lente Canon 18-55 mm, além de um kit de iluminação e flash Mako.

Para editar as imagens, utilizamos dois programas. O tratamento de cor das fotos foi realizado no Adobe Lightroom<sup>9</sup> e para detalhes, correção do fundo e tratamento de pele, utilizamos o Adobe Photoshop CC 2015<sup>10</sup>, que também utilizamos para produzir as cartas.

---

<sup>9</sup> *Software* de edição de fotografias.

<sup>10</sup> *Software* de design e fotografia.

Produzimos, também, um encarte no Adobe InDesign CS6<sup>11</sup> com todos os contos selecionados a fim de contextualizar o nosso produto final para quem o visse. Assim, entregamos para a banca uma caixa contendo as 12 cartas e o encarte.

As cartas foram impressas em *fine art* para que elas tivessem a melhor qualidade possível e o encarte foi impresso em papel couchê de gramatura 180.

Abaixo, o cronograma de atividades para a execução do projeto.

*Tabela 1 - Cronograma de atividades*

<b>JULHO E AGOSTO</b>	ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA E DEFINIÇÃO DOS ARQUÉTIPOS A SEREM FOTOGRAFADOS
<b>SETEMBRO</b>	PLANO DE DIREÇÃO DE ARTE; PLANEJAMENTO FOTOGRÁFICO; SELEÇÃO DE MODELOS
<b>OUTUBRO</b>	FOTOGRAFIA E TRATAMENTO DAS IMAGENS
<b>NOVEMBRO</b>	FINALIZAÇÃO DA MEMÓRIA E IMPRESSÃO DO PRODUTO
<b>DEZEMBRO</b>	APRESENTAÇÃO

*FONTE: Arquivo pessoal*

<sup>11</sup> Software de diagramação e organização de páginas.

## 6. REFERENCIAL TEÓRICO

### 6.1. O INCONSCIENTE COLETIVO E OS ARQUÉTIPOS

Clarissa Pinkola Estés, autora do livro *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, trabalha com diversos conceitos introduzidos por Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, também conhecida como psicologia junguiana.

Embora o livro possa ser lido e compreendido mesmo sem o estudo anterior desses conceitos, conhecê-los acrescenta muito à compreensão do desenvolvimento das reflexões apresentadas por Estés. Conceitos como arquétipo, inconsciente coletivo e alma são recorrentes e fundamentais para a estruturação do texto e ideias apresentadas.

A palavra alma, para a psicologia analítica, é a *psique*. A *psique* de um indivíduo é a sua personalidade e é dividida entre: consciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. O consciente é aquilo que pode ser percebido. O centro do consciente é o ego, que representa o “eu” e serve como um porteiro que decide o que fará parte do consciente e o que será reprimido ou esquecido pelo inconsciente.

Inicialmente, o inconsciente, em Freud, era limitado apenas pelos conteúdos reprimidos ou esquecidos. Jung acredita, porém, que, apesar de existir uma camada superficial do inconsciente que é de fato pessoal, existe uma camada mais profunda que é inata e a denomina de inconsciente coletivo. (JUNG, 1875-1961).

Diferenciando os conceitos de inconsciente pessoal e coletivo, Jung diz que os conteúdos do inconsciente pessoal constituem a intimidade pessoal da vida anímica e denomina os conteúdos do inconsciente coletivo de arquétipos (JUNG, 1875-1961).

Os arquétipos são, portanto, imagens universais que existem desde os mais primórdios tempos e que não têm influência de cunho pessoal, mas fazem parte de uma camada do inconsciente que é inata e compartilhada muitos por indivíduos de uma mesma sociedade. Isso não quer dizer, porém, que todas as pessoas compartilham o mesmo inconsciente, uma vez que nome coletivo remete ao fato de que essa é uma característica geral e não absoluta.

Uma das formas mais comuns da representação dos arquétipos são os contos de fadas e os mitos. O arquétipo do herói, por exemplo, é constantemente visto em filmes

e livros. Quando alguém é chamado de herói, não é necessária muita explicação acerca das características dessa pessoa. Automaticamente, ao ouvir essa palavra, criamos uma série de imagens que a definam.

Clarissa Pinkola Estés propõe a existência do arquétipo da Mulher Selvagem. Esse é um arquétipo que impulsiona o relacionamento da mulher com a sua natureza selvagem, reforça a existência de uma sabedoria feminina que existe há milhares de anos e conecta a mulher contemporânea com a essência do saber feminino.

Portanto, o termo *selvagem* neste contexto não é usado em seu atual sentido pejorativo de algo fora de controle, mas em seu sentido original, de viver uma vida natural, uma vida em que a criatura tenha uma integridade inata e limites saudáveis. (ESTÉS, 2014, p. 21)

A Mulher Selvagem faz parte de todas as mulheres. Ela não se aproxima dos padrões de comportamento socialmente construídos. Se estamos perdidas, é a ela que devemos recorrer. Ela é o que é, e ela é forte, sábia, intuitiva, segura e íntegra.

Os arquétipos são constantemente usados na Comunicação como estratégia de branding<sup>12</sup>. Ao desenvolver uma determinada marca, pensam em qual arquétipo encaixam-se os seus consumidores principais e criam a identidade da marca de forma que os seus produtos se tornem atrativos para o seu público. Hoje, possuir um produto interessante já não é suficiente; é necessário que a marca tenha uma personalidade. A marca de calçados e roupas esportivas Nike, por exemplo, encaixa-se no arquétipo do explorador: é uma marca para pessoas livres, independentes e inquietas. Os arquétipos também são utilizados em outras diversas áreas do conhecimento.

## **6.2. O LIVRO**

### **6.2.1. A AUTORA**

Psicóloga junguiana, escritora e poeta, Clarissa Pinkola Estés nasceu em janeiro de 1945 nos Estados Unidos, de origens mexicanas e Magyar, em uma família de imigrantes refugiados que não sabiam nem ler nem escrever. Como psicóloga analista, pratica a profissão há mais de 40 anos, tendo destaque sua atuação no atendimento e recuperação de envolvidos e familiares do Massacre de Columbine em 1999 e famílias sobreviventes do ataque às Torres Gêmeas em 2001. Concluiu seu

---

<sup>12</sup> Branding é a gestão da marca de uma empresa, incluindo seu nome, imagens, slogans, etc.



doutorado na Union Institute & University em psicologia etno-clínica, realizando um estudo sobre padrões sociais e psicológicos em grupos culturais e tribais<sup>13</sup>.

Possui 5 livros autorais publicados e suas obras foram traduzidas para 38 línguas. O livro que inspirou o nosso projeto, *Mulheres que correm com os lobos – mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, é sua obra mais reconhecida e foi publicada originalmente pela editora americana Ballantine Books em 1992, quando permaneceu na lista de mais vendidos (também conhecidos como *best sellers*) do jornal norte-americano The New York Times por 145 semanas.

### **6.2.2. O LIVRO**

O livro foi desenvolvido por Estés em quase duas décadas. A autora viajou para diversos lugares do mundo para encontrar contadoras de histórias. Garimpou e selecionou as histórias que tiveram mais destaque e foram mais frequentes em sua pesquisa.

Nesse livro, a autora sugere que "Os lobos saudáveis e as mulheres saudáveis tem certas características psíquicas em comum: percepção aguçada, espírito brincalhão e uma elevada capacidade para a devoção. Os lobos e as mulheres são gregários por natureza, curiosos, dotados de grande resistência e força. São profundamente intuitivos e tem preocupação para com seus filhotes, seu parceiro e sua matilha. Tem uma determinação feroz e extrema coragem" (ESTÉS, 2014, p. 16)

Essa é uma obra que lida com assuntos corriqueiros no cenário atual. A visão da mulher como sábia, forte e intuitiva repagina a imagem da mulher e fomenta de forma significativa a discussão sobre como o papel das mulheres foi modificado e diminuído com o decorrer do tempo. Entrar em contato com a Mulher Selvagem e, ainda mais, acreditar que ela faz parte de todas nós, independente de como nos veem socialmente, é a grande conquista desse livro.

### **6.3. A FOTOGRAFIA DO FEMININO**

A Comunicação e as artes têm convergido cada vez mais. A noção de artes como sendo apenas as chamadas “belas artes” e a de comunicação como apenas “de massa” tem sido desconstruída. Isso porque o artista começa a se expressar pelos

---

<sup>13</sup> Disponível na página oficial da autora no *Facebook*. Disponível em <<https://www.facebook.com/Dr-Clarissa-Pinkola-Estes-29996683634/>> Acesso em 28/11/2017.

meios de comunicação, que passam a ser sua matéria-prima, deixando de ser apenas ferramentas, mas sendo também um meio de expressão artística (SANTAELLA, 2005).

A fotografia, tanto como ferramenta da Comunicação quanto como objeto artístico, é parte significativa da construção de uma identidade social. Fabris (2004, p.15) afirma: “a fotografia constrói uma identidade social, uma identificação padronizada, que desafia, não raro, o conceito de individualidade, permitindo forjar as mais variadas tipologias”. Assim, o modo como as coisas e pessoas são representadas por meio da fotografia influencia na forma como elas são socialmente vistas. É importante ressaltar, também, que essa identidade construída socialmente está em constante mudança.

Ainda que estejamos em um cenário de mudanças nesse sentido, o corpo feminino tem sido percebido como objeto de sedução há muitos séculos. Com a ascensão da fotografia, especialmente desde sua inserção nos meios de Comunicação, o imaginário da mulher sedutora tornou-se um artefato para vendas tanto de produtos quanto da construção de um conceito.

Com o progressivo advento da fotografia, cinema, televisão e, mais recentemente, a Internet, a fetichização da imagem da mulher foi assegurada para uma audiência cada vez mais larga, tornando-se, assim, cada vez mais acessível. Historicamente, pode-se dizer que o caráter de sugestão sexual embutido na imagem da mulher foi marcado fundamentalmente na indústria cultural com as chamadas pin-ups, que tornaram-se imensamente populares nos anos 40 e 50 na América do Norte, ampliando e legitimando a imagem da mulher enquanto fetiche. (BOTTI, 2003, p. 127)<sup>14</sup>

O corpo feminino comumente representado como o ideal pela mídia é diferente do corpo da esmagadora maioria das mulheres. A busca pelo corpo perfeito acontece todos os dias. Pergunte a uma mulher se ela está satisfeita com o seu corpo e, muito provavelmente, a resposta será não. Seja por meio de dietas extremamente restritivas, por cirurgias altamente invasivas ou até por edições digitais exageradas, as mulheres procuram mudar seus corpos cada dia mais.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> “Uma pin-up é uma imagem sexualmente evocativa, reproduzida em múltiplas cópias, na qual a atitude, o olhar e a expressão da modelo convidam o espectador a participar ou fantasiar sobre um envolvimento pessoal com a retratada” (GABOR apud BOTTI, 2003, p.127)

<sup>15</sup> “Sete entre cada 10 mulheres estão insatisfeitas com o peso, diz pesquisa”. Reportagem do site G1 realizada em 2009. Disponível em < <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1302847-5605,00-SETE+ENTRE+CADA+MULHERES+ESTAO+INSATISFEITAS+COM+PESO+DIZ+PESQUISA.html> > Acesso em 09/11/2017.

Por isso, logo nas fases iniciais do projeto levamos em conta fugir dos padrões de beleza socialmente construídos, o que guiou desde a escolha das modelos à edição das fotos. Ao editar fotos como a da La Loba, que é uma personagem velha, fizemos o mínimo tratamento de pele, isso porque deixar as rugas e linhas de expressão faziam parte do nosso intuito com essas fotografias. Queríamos mostrar as nossas modelos como elas são de verdade.

A busca pela perfeição estética é diariamente reforçada pela mídia, aprisionando o corpo feminino em um padrão irreal a ser seguido. A mudança desse cenário está acontecendo paulatinamente. A mulher já não é mais sempre retratada como objeto de sedução, como submissa, bela, sedutora, magra e em busca da aceitação masculina, mas isso não significa que alcançamos o quadro ideal. É nessa mudança de cenário que o presente trabalho foi inspirado, buscando fazer parte de um acervo que represente mulheres como fortes, confiantes e bonitas do jeito que elas realmente são.

## 7. DESENVOLVIMENTO

### 7.1. PRÉ-PRODUÇÃO

Antes de começarmos a providenciar os figurinos e objetos de cena, fizemos um desenho<sup>16</sup> para cada uma das personagens. Este nos guiou durante todo o processo, desde a escolha das modelos até a realização das fotografias.

Tivemos cerca de um mês para a pré-produção. Durante esse tempo, escolhemos meticulosamente nossos objetos de cena e mandamos as roupas para a confecção. Foi nesse momento, também, que decidimos quantas fotos teríamos para cada personagem, chegando, ao fim, com o número três.

### 7.2. PRODUÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE

Para conduzir o ensaio fotográfico e a elaboração das cartas, foi feito previamente um plano de direção de arte, trazendo referências, elementos visuais e bibliográficos que serviram de inspiração.

A paleta de cores principal das fotografias foi elaborada visando se relacionar com os elementos nelas representados. As temáticas do feminino, do selvagem, da relação com a natureza e do poder foram base para que nossas escolhas fossem fundamentadas. Para Silveira, "sabe-se que não se vê a cor isoladamente, mas sim ligada a objetos. Esses objetos trazem uma história de construção de significados, que por sua vez ficam atreladas às suas cores." (2011, p. 81).

A ideia de natureza está muito associada ao verde e também aos tons terrosos. A de vida, força e sangue está associada ao vermelho e a ideia de poder está associada ao amarelo (aqui optamos por tons mais próximos ao ocre para melhor concordância entre as cores).

Assim, surgiu a paleta de cores abaixo.

Figura 1 – Paleta de cores



*FONTE: Arquivo pessoal*

<sup>16</sup> Os desenhos estão disponíveis nos tópicos 7.2.1.4, 7.2.2.4, 7.2.3.4 e 7.2.4.4 deste trabalho.

Para cada uma das personagens, escolhemos uma dessas cores para ser a mais importante nas fotografias, utilizando-a como inspiração para o figurino e os objetos de cena.

A cor de fundo que escolhemos foi o preto, isso porque o objetivo é que a atenção fique toda nas modelos e nos objetos de cena.

Desenhamos um figurino para cada um dos contos e elaboramos um plano de fotografia para a pose que seria a escolhida para as cartas. Inicialmente, iríamos fazer apenas uma carta. Porém, no decorrer do processo de produção, decidimos realizar três cartas para cada uma das personagens, visando tornar o nosso produto mais completo. Por isso, foi desenhado apenas um plano de carta para cada personagem. Os desenhos estão anexados nos tópicos referentes a cada um dos contos.

### **7.2.1. LA LOBA: AQUELA QUE SABE**

#### **7.2.1.1. O RESUMO DO CONTO**

La Loba é uma mulher velha, de cabelos grandes e gorda. Seu trabalho é recolher ossos de todos os tipos de criaturas do deserto, porém sua preferência é por lobos. Quando consegue recolher o esqueleto completo de um lobo, ela senta perto do fogo e escolhe uma canção para cantar e canta até o animal ganhar vida e sair correndo. Em algum momento do caminho, o lobo transforma-se em uma mulher, que corre e ri livre.

#### **7.2.1.2. A ANÁLISE DE ESTÉS**

Ela é aquela dentro das mulheres responsável por saber o que deve morrer e o que deve viver, é com ela que a mulher deve entrar em contato quando não sabe qual deve ser seu próximo passo. Ela é experiente, sábia e confiável. Acredite: ela tem a resposta para todas as suas perguntas, pois ela sabe de tudo.

Sempre que uma mulher quiser entrar em contato com a La Loba, ela deve se questionar: “O que aconteceu com a voz da minha alma? Quais são os ossos enterrados na minha vida? Em que condições está meu relacionamento com o Self instintivo? Quando foi a última vez que corri livremente? Como posso fazer com que a vida volte a ter vida? Para onde foi *La Loba*?”(ESTÉS, 2014, p. 51)

### 7.2.1.3. Referências visuais

Figura 2 – Referências visuais da personagem La Loba



- FONTE: 1. Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/212935888609875001/>>  
 2. Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/406309197623038480/>>  
 3. Disponível em <<http://www.btchficks.com/2015/06/13-disappointing-things-about-grace-and-frankie.html#.WaxRH8iGNPY>>  
 4. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/406309197623038489/>>  
 5. Disponível em < <https://br.pinterest.com/pin/212935888609874992/>>  
 Acesso em 03/09/17

#### 7.2.1.4. CROQUI E DIREÇÃO DE ARTE

Para o figurino, a cor verde foi selecionada para trazer a noção de natureza para a personagem. Os seus adereços eram em tons verdes ou terrosos. Ossos de boi foram usados como objetos de cena, assim como uma caveira de resina e ossos de dente de lobo.

Abaixo, o croqui do figurino da personagem.

Figura 3 – Croqui do figurino da personagem La Loba



*FONTE: Arquivo pessoal*

### 7.2.1.5. PLANO DA CARTA

La Loba é Aquela Que Sabe. Ela é uma velha sábia, forte e extremamente justa. Escolhemos a pose principal para a carta de forma que a personagem parecesse imponente, porém boa.

Esse foi o desenho que mais destoou do resultado final, pois, apesar de termos feito uma outra foto com a mesma pose do desenho, a foto que acabou sendo selecionada trouxe uma noção melhor de quem é a La Loba. A relação dela com os ossos, muito tenra, foi ponto primordial para a escola dessa fotografia.

Abaixo, o plano da carta.

Figura 4 – Plano da carta da personagem La Loba



*FONTE: Arquivo pessoal*



## **7.2.2. BARBA AZUL: A INICIAÇÃO**

### **7.2.2.1. O RESUMO DO CONTO**

Existia um homem que cortejava três irmãs, mas elas tinham medo da sua barba azul e, por isso, se escondiam quando ele aparecia. Um dia, o Barba-azul conseguiu convencê-las a dar um passeio no qual divertiram-se muito. As irmãs mais velhas, no entanto, voltaram a temê-lo e juraram nunca mais vê-lo. A irmã mais nova acreditou que o Barba-azul era um bom rapaz e eles acabaram se casando e indo morar em seu castelo, no campo.

Um dia, o Barba-azul viajou e disse a sua esposa que podia convidar sua família para passar um tempo com ela. Ao sair, ele lhe entregou as chaves de todas as portas do seu castelo de oito andares e disse que ela podia entrar em qualquer cômodo que quisesse, com exceção de um: o da menor chave.

Quando suas irmãs chegaram, elas resolveram explorar todas as portas do castelo e procuraram por aquela que a pequena chave abria. Ao abrir a porta, encontraram ossos humanos e muito sangue. Fecharam a porta, aterrorizadas, e a chave começou a sangrar. Com medo de que seu marido descobrisse, a esposa guardou a chave, que não parava de sangrar, em seu armário.

No dia seguinte, Barba-azul retornou para casa e perguntou a sua esposa se algo errado havia acontecido e ela negou. Porém, ao reparar que a pequena chave não estava no chaveiro, ele ficou enfurecido e disse que agora seria a vez dela de ir para aquele quarto.

Ela pediu por um momento para que se preparasse para a morte, correndo para o seu quarto e gritando para as irmãs. Ela perguntou se elas viam seus irmãos e recebeu uma resposta negativa. O Barba-azul ouviu seus gritos e subiu as escadas, nervoso. Perguntou novamente, e elas viram o que parecia ser um redemoinho bem distante e o marido se aproximava. Mais uma vez, ela perguntou e as irmãs disseram que eles estavam chegando.

Quando o Barba-azul chegou ao quarto, os irmãos de sua esposa adentraram o castelo montados em cavalos, subiram as escadas e o mataram, deixando para os abutres os seus restos.

### 7.2.2.2. A ANÁLISE DE ESTÉS

A palavra-chave mais importante do conto é iniciação. Entender que antes de amadurecermos somos ingênuas é extremamente importante para que o processo para o entendimento seja natural e compreendido. As experiências da vida de uma mulher a transformam de inocente para perspicaz. É comum que, quando a compreensão emocional de uma mulher ainda não é desenvolvida, ela se envolva em situações confusas e com perigos ocultos. Porém, a voz das “irmãs mais velhas” está sempre presente: basta ouvi-la.

Qualquer que seja o dilema em que se encontre a mulher, as vozes das irmãs mais velhas na sua psique continuam a lhe recomendar consciência e sensatez nas suas escolhas. (ESTÉS, 2014, p. 65)

Outro aspecto essencial para a compreensão do conto é entender a metáfora que envolve a chave. Aqui, ela é a responsável por mostrar aquilo que está escondido atrás da porta: o perigo que a envolve. Ao negar que a esposa utilize a chave, o Barba-azul, o predador, nega que ela utilize a única coisa que poderia trazê-la de volta à consciência.

Não é à toa que dizem que as perguntas são as chaves que abrem todas as portas. Ao perguntar, insistir e desafiar mesmo quando te dizem que não deve, você quebra as barreiras para encontrar aquilo que está escondido, abre as portas do conhecimento e da clareza.

Encontrar a mínima porta é importante; desobedecer às ordens é importante; descobrir o que esse quarto abriga de especial é fundamental. (ESTÉS, 2014, p. 67)

O sangue que vem da chave representa a lembrança daquilo que se viu e do que se sabe. Uma chave que sangra sem parar é um lembrete de que a pergunta certa já foi feita, a chave já foi usada e a resposta, o sangue, está visível e é incontrollável. É preciso coragem para fazer as perguntas e abrir as portas que possam lhe mostrar aquilo que não se quer ver. Enxergá-la, compreendê-la e aprender a lidar com ela são os próximos passos da Mulher Selvagem.

E as palavras de que as mulheres mais precisam em situações semelhantes às descritas na história do Barba-azul são as seguintes: O que está atrás da porta? O que não é como aparenta ser? O que eu sei no fundo de mim mesma que preferia não saber? Que parte de mim foi mora ou está agonizando? Todas essas perguntas são chaves. (ESTÉS, 2014, p. 71)

### 7.2.2.3. REFERÊNCIAS VISUAIS

Figura 5 – Referências visuais da personagem Barba Azul



- FONTE: 1. Disponível em <<http://despertarfeminino.com.br/principal/index.php/2016/03/30/o-predador-natural-da-psique-conto-do-barba-azul/>>  
 2. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/331436853800909460/>>  
 3. Disponível em <<http://mulheresemcirculo-luz.blogspot.com.br/2016/05/correndo-com-lobos-o-barba-azul.html>>  
 4. Disponível em <<http://despertarfeminino.com.br/principal/index.php/2016/03/30/o-predador-natural-da-psique-conto-do-barba-azul/>>  
 5. Disponível em <<http://paulorogeriadamotta.com.br/barba-azul-e-o-arquetipo-do-predador/>>  
 Acesso em 03/09/17

#### 7.2.2.4. CROQUI E DIREÇÃO DE ARTE

O vestido dessa personagem foi o mais difícil de ser realizado, pois se tratava de uma roupa de época. O tecido ideal para a confecção da roupa seria o veludo molhado, mas percebemos que o sangue falso não ia destacar tanto nesse caso. Assim, escolhemos um tecido sintético que, mesmo que destoasse um pouco da época, nos traria um melhor resultado visual quando em contato com o sangue falso.

A chave, na história, é a menor do chaveiro. Aqui, porém, resolvemos representá-la em um tamanho gigante. Isso porque o significado da chave – portal para consciência e clareza – torna uma chave que parece irrelevante em um dos aspectos mais importantes da relação da Mulher Selvagem com o Predador Natural.

Abaixo, o croqui do figurino da personagem.

Figura 6 – Croqui do figurino da personagem Barba Azul



FONTE: Arquivo pessoal

### 7.2.2.5. PLANO DA CARTA

No plano da carta, representamos a personagem sentada para lembrar o momento que ela está prestes a morrer. Sua expressão, no entanto, não é de assustada. Isso se dá porque ela segura a chave do conhecimento e ela sabe que com ela pode abrir todas as portas que quiser. Segurar a chave é ter o poder para enxergar tudo da forma mais clara possível e saber que em algum momento a solução para o seu problema vai aparecer.

Abaixo, o plano da carta.

Figura 7 – Plano da carta da personagem Barba Azul



FONTE: Arquivo pessoal

### **7.2.3. MULHER-ESQUELETO: A VIDA-MORTE-VIDA**

#### **7.2.3.1. O RESUMO DO CONTO**

A menina havia feito algo que desagradava seu pai, embora ninguém mais se lembrasse do que era. Ainda assim, o pai a arrastou até os penhascos e a atirou no mar, onde ela permaneceu até os peixes devoraram sua carne e deixarem apenas seus ossos.

Um dia, um pescador veio pescar. Estava há muito tempo sem ir ao mar e não sabia que os outros pescadores não frequentavam a região, que tinha fama de mal-assombrada. Jogou seu anzol água adentro, que foi descendo, descendo, até enroscar nos ossos das costelas da Mulher-esqueleto.

O pescador pensou que era seu dia de sorte e que havia pescado um dos grandes, imaginando por quanto tempo esse peixe iria mantê-lo alimentado. Foi puxando o anzol e voltou seu foco para recolher a rede, enquanto a Mulher-esqueleto se debatia e cada vez mais se enroscava nas linhas. Quando ele terminou de puxar a rede, o esqueleto inteiro já havia chegado à superfície. Ao avistar aquele cadáver, o homem ficou muito assustado e começou a remar em direção à terra firme, mas ela parecia estar de pé, seguindo-o em qualquer direção que fosse.

O pescador gritou muito, e quando o caiaque atracou na praia, saiu correndo agarrado à vara, enquanto o cadáver da mulher-esqueleto, ainda preso à linha, era arrastado junto a ele. Enquanto era arrastada, ela ainda achou um pedaço de peixe congelado, que comeu prontamente já que há muito não se saciava.

Finalmente, o homem chegou ao seu iglu, imaginando que ali estaria seguro, com seu coração rufando igual a um tambor. Mas quando acendeu sua lamparina, viu que o esqueleto, todo emaranhado, repousava lá dentro junto dele. Não sabia dizer se era a luz que havia suavizado suas feições, ou porque era um homem solitário, mas a respiração dela havia ganhado um tom delicado e ele começou a desemaranhá-la da linha, trabalhando noite adentro e depois cobrindo-a com peles para que se aquecesse. Ela, temendo que ele se assustasse e quebrasse seus ossos, permaneceu em silêncio.

Eventualmente, o homem se cobriu e adormeceu, e durante seu sono uma lágrima escorreu de seu olho. Ao ver a lágrima escorrer, a Mulher-esqueleto sentiu uma sede

daquelas e se aproximou, pondo sua boca junto à lágrima, que bebeu, bebeu como um rio até saciar sua sede de tantos anos.

Deitada ao lado do homem, estendeu sua mão e pegou seu coração, aquele tambor forte. Começou a batucar e cantar em voz alta "Carne, carne, carne". Seu corpo esquelético se revestia de carne, com braços, mãos, seios e pernas, tudo que uma mulher precisava. Quando estava pronta, também cantou para despir o homem, e em seguida deitou sob as peles ao seu lado e devolveu-lhe o coração. Acordaram assim, abraçados e juntos um ao outro, mas agora de um jeito bom e duradouro.

Dizem que ela e o pescador foram sempre bem alimentados pelas criaturas que ela conheceu em sua vida debaixo d'água.

### **7.2.3.2. A ANÁLISE DE ESTÉS**

O conto da Mulher-esqueleto é sobre os ciclos da vida-morte-vida nos relacionamentos amorosos, explicando várias fases do amor através de sua simbologia. O amor tratado na história não é apenas o amor carnal e de prazer, mas aquele amor íntegro, verdadeiro, forte e resistente.

É comum que a morte seja encarada de uma forma negativa, mas a Mulher-esqueleto, ou a Morte, vem para desmistificar essa ideia. A morte aqui não é corpórea. A Mulher-esqueleto nos mostra a hora certa de um ciclo acabar e outro começar, a hora de deixar que morram nossas expectativas, ilusões e pensamentos destrutivos, a fim de abrir espaço para que outros sentimentos tomem lugar e ganhem vida.

Quando encaramos a morte com respeito e não com medo, encontramos nela alívio e renovação. Realizar o processo da vida-morte-vida é abraçar a natureza dos relacionamentos e aceitar a dualidade que envolve a Morte. Ela não é cruel, mas sábia. Ela vai lhe guiar ao caminho certo, lhe mostrando o que já está na hora de deixar para trás e para o que está na hora de abrir caminho. Ela é tanto aquela que mata quanto aquela que dá a vida.

Quando o pescador pega a Mulher-esqueleto, ele acredita que pescou algo que iria lhe dar frutos por muito tempo, ou seja, criou expectativas.

Em algum momento, o pescador olha para a Mulher-esqueleto com compaixão. Ele vê aqueles ossos embaraçados e a ajuda. A partir desse momento, os dois começam a construir uma relação de respeito com a natureza selvagem da Morte. A

Mulher-esqueleto só se aproxima do pescador quando ele dorme e chora, isto é, quando ele demonstra confiança e fica pronto para recebê-la. É nesse momento que ela começa a ganhar vida a partir dele, isso porque encarar a Morte de frente e ter a coragem de deixar morrer o que tem que morrer nos traz, indubitavelmente, a vida.

A história contém uma promessa: permita que a Mulher-esqueleto se torne mais palpável na sua vida, e ela em troca engrandecerá sua vida. Quando a libertamos do seu estado emaranhado e confuso e a percebemos como mestra e amante, ela passa a ser uma aliada e uma parceira. (ESTÉS, 2014, p. 185)

Mais do que ouvir à Mulher-esqueleto, é importante tornar-se um aliado dela, para que aprendamos a crescer, a distinguir o bom do ruim, o certo do errado. Encarar a Morte não é sempre agradável, mas com certeza é sempre frutífero.



### 7.2.3.3. REFERÊNCIAS VISUAIS

Figura 8 – Referências visuais da personagem Mulher Esqueleto



FONTE: 1. Acervo pessoal de Mia Morais. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BRe6ihvgBWx/>>  
2. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/406309197623026340/>>  
3. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/406309197623026378/>>  
4. Disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/436989970072346958/>>  
Acesso em 03/09/17

#### 7.2.3.4. CROQUI E DIREÇÃO DE ARTE

A direção de arte da Mulher-esqueleto não exigiu muito. Ela apresenta-se em duas fases: a de forma humana, quando foi fotografada nua; e a fase esqueleto, que foi profissionalmente pintada. Não tivemos nenhum objeto de cena para essa personagem.

Abaixo, o croqui do figurino da personagem.

Figura 9 – Croqui do figurino da personagem Mulher Esqueleto



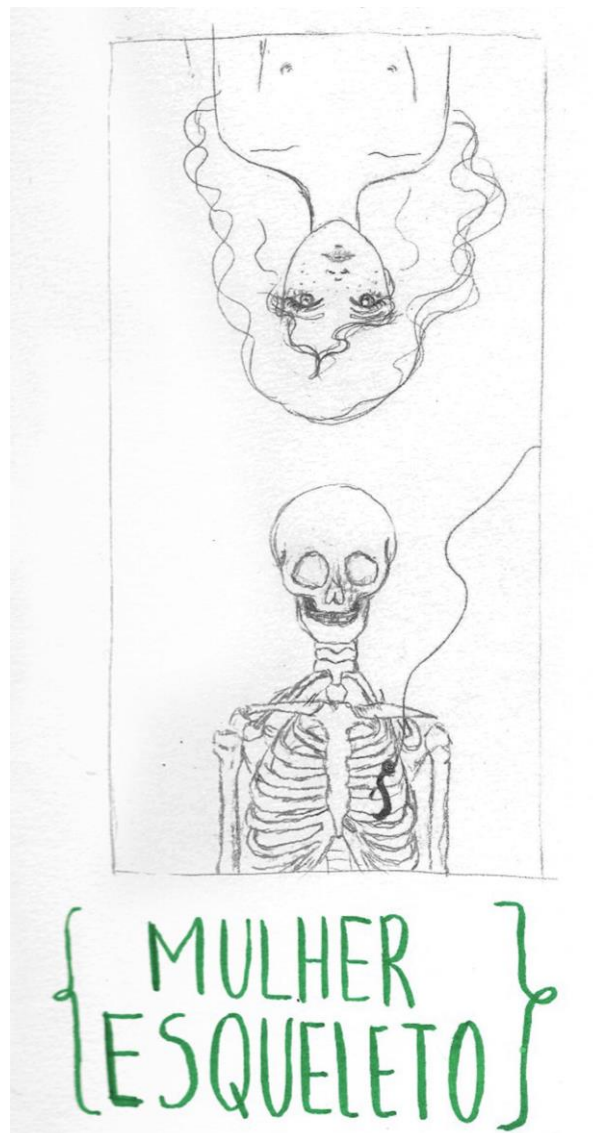
*FONTE: Arquivo pessoal*

### 7.2.3.5. PLANO DA CARTA

A história da Mulher-esqueleto fala do ciclo da vida-morte-vida. Dessa forma, tivemos que representar a personagem como duas: a viva e a morta. Para retratar essa dualidade, planejamos uma carta que trouxesse metade de cada fase da personagem, mostrando que não há vida sem morte e nem morte sem vida.

Abaixo, o plano da carta.

Figura 10 – Plano da carta da personagem Mulher Esqueleto



*FONTE: Arquivo pessoal*

## **7.2.4. VASALISA: A INTUIÇÃO**

### **7.2.4.1. O RESUMO DO CONTO**

Era uma vez uma mãe em seu leito de morte. Sua filha e marido sentavam ao pé de sua cama de madeira e oravam por ela. A mãe chama a criança, Vasalisa, que se ajoelha ao lado dela. Sua mãe lhe entrega uma boneca minúscula que trajava as mesmas roupas da menina: um avental branco, uma saia preta, botas vermelhas e um colete bordado com linha colorida. Em seguida, recomenda: "— Estas são as minhas últimas palavras, querida. Se você se perder ou precisar de ajuda, pergunte à boneca o que fazer. Você receberá ajuda. Guarde sempre a boneca. Não fale a ninguém sobre ela. Dê-lhe de comer quando ela estiver com fome. Essa é a minha promessa de mãe para você, minha bênção, querida."

A mãe morre e por muito tempo a filha e o marido vivem o luto de sua perda, mas um dia o pai se junta a uma mulher, que também já tinha duas filhas. Embora muito educadas, traziam algo corrosivo que não era percebido pelo pai de Vasalisa.

Quando as três estavam sozinhas com Vasalisa, a tratavam mal e forçavam-na a lhes servir de criada, pois invejavam a beleza e a doçura da garota, que parecia coisa de outro mundo. Um dia, as três combinaram de deixar o fogo da casa se apagar e mandar Vasalisa buscar na floresta, na casa de Baba Yaga, a bruxa, tendo certeza que a garotinha seria devorada. Assim seguiu o plano, e, Vasalisa, preocupada e prestativa, logo adentrou a escuridão da floresta para buscar o fogo.

Assustada, Vasalisa levou consigo sua boneca em seu bolso e durante todo o percurso consultou a boneca sobre qual caminho deveria seguir. Eventualmente, chegou à casa da Bruxa, que era uma criatura muito temível. Baba Yaga, ao avistar Vasalisa, logo gritou indagando "o que você quer?", ao que a menina educadamente respondeu, dizendo-lhe que precisava de fogo para iluminar e aquecer sua casa. Depois de dar as respostas certas, seguindo as orientações da boneca, a Bruxa diz que dará o fogo à menina contanto que ela cumpra algumas tarefas.

"Lave minha roupa, varra a casa e o quintal, prepare minha comida, separe o milho mofado do milho bom e certifique-se de que tudo está em ordem. Volto mais tarde para inspecionar seu trabalho. Se tudo não estiver pronto, você será meu banquete."

Vasalisa cumpre todas as tarefas conforme demandado, e ao consultar Baba Yaga, a bruxa ordena que separe as sementes de papoula do estrume. Muito cansada, Vasalisa tenta fazê-lo, mas a boneca lhe diz para não se preocupar e dormir, que tudo estaria resolvido. No dia seguinte, tudo estava separado e só faltava terminar de preparar a refeição.

A bruxa retorna e constata que todas as tarefas foram cumpridas. Irritada, porém surpresa, responde algumas perguntas de Vasalisa antes de entregar-lhe o fogo. Yaga pega uma caveira candente, enfia numa vara e diz "Tome. Isto é seu fogo."

Vasalisa retorna à sua casa e a madrasta e as filhas, que imaginavam que a essa altura Vasalisa já estava morta, ficam surpresas ao avistar pela janela uma luz dançando pela mata.

Vasalisa entrou na casa, sentindo-se vitoriosa por ter sobrevivido à sua perigosa jornada e por ter trazido o fogo para casa. No entanto, a caveira na vara ficou observando cada movimento da madrasta e das duas filhas, queimando-as por dentro. Antes de amanhecer, ela havia reduzido a cinzas aquele trio perverso. (ESTÉS, 2014, p. 97)

#### **7.2.4.2. A ANÁLISE DE ESTÉS**

O antigo conto russo de "Vasalisa" é a história praticamente intacta da iniciação de uma mulher. Ele trata da percepção de que a maioria das coisas não é o que parece. Como mulheres, recorreremos à nossa intuição e aos nossos instintos para farejar tudo. Usamos nossos sentidos para espremer a verdade das coisas, para extrair o alimento das ideias, para ver o que há para ser visto, para conhecer o que há para ser conhecido, para ser as guardiãs do fogo criativo e para ter uma compreensão íntima dos ciclos de vida-morte-vida de toda a natureza — assim é uma mulher iniciada. (ESTÉS, 2014, p. 91)

Vasalisa é uma história sobre a importância da intuição para as mulheres, além da transmissão desse poder entre gerações. Uma mulher que escuta sua intuição se escuta, se enxerga, se conhece melhor, e acredita em si. Para completar sua iniciação, Vasalisa deve escutar as orientações dadas por sua boneca, que simboliza a intuição, e passar por tarefas que se concentram na aprendizagem dos hábitos da Mulher Selvagem.

Precisamos deixar a mãe-boa-demais da nossa psique morrer, a consciência superprotetora que nos impede de enfrentar os desafios, os dogmas, ideias que nos mantêm na zona de conforto, prejudicando o crescimento e desenvolvimento futuro. Devemos nos tornar alertas por nós mesmas e desenvolver nossa própria conscientização a respeito das situações.

A madrasta e as filhas representadas na história podem simbolicamente representar os elementos da psique da mulher inseridos pela cultura à qual ela pertence, ou seja, os dogmas que ditam como ela deve ser e se comportar. Como Vasalisa ainda não tem consciência do seu poder, ela permite esse obstáculo, submetendo-se às maldades sem se queixar.

A obediência provoca uma descoberta chocante que deve ser registrada por todas as mulheres. Ou seja, a de que ser nós mesmas faz com que nos isolem de muitos outros e, entretanto, ceder aos desejos dos outros faz com que nos isolem de nós mesmas. (ESTÉS, 2014, p. 103)

Ao aprender a não ser sempre obediente e se impor, aprende a lidar com sua sombra, equilibrando os elementos de sua psique. Ao cumprir as tarefas dadas por Baba Yaga, Vasalisa aprende a cuidar do seu ambiente psíquico, a discriminar situações meticulosamente para poder, então, receber o fogo, a “chama do conhecimento”, para “acender a fogueira criativa”, alimentando assim seu relacionamento com a natureza selvagem (ESTÉS, 2014).

Ao completar essa iniciação, acreditando em sua intuição, consegue superar os obstáculos de seu caminho, simbolizados pelo momento em que a caveira queima a madrasta e as filhas.

### 7.2.4.3. REFERÊNCIAS VISUAIS

Figura 11 – Referências visuais da personagem Vasalisa



- FONTE: 1. Disponível em <<http://stefanievega.com/galleries/the-shadow-tales/vasalisa-the-brave/>>  
 2. Disponível em <<http://www.mamu.net.br/?p=935#!/loc=-23.510478000000006,-46.703739,17>>  
 3. Disponível em <<http://astrapeiras.wixsite.com/as-trapeiras/vasalisa>>  
 4. Disponível em <<https://julianabaronpinheiro.wordpress.com/category/psicologando-bora-refletir/page/5/>>  
 Acesso em 03/09/17

#### 7.2.4.4. CROQUI E DIREÇÃO DE ARTE

O figurino dessa personagem foi o mais complexo. Na história, sua roupa é muito bem detalhada e buscamos ser as mais fidedignas possível. A saia, o avental e a boneca foram confeccionados pela costureira. A blusa, as velas e a caveira foram compradas e as botas e o colete foram emprestados.

Abaixo, o croqui do figurino da personagem.

Figura 12 – Croqui do figurino da personagem Vasalisa



*FONTE: Arquivo pessoal*



#### **7.2.4.5. PLANO DA CARTA**

A personagem principal dessa história, a Vasalisa, é guiada durante todo o tempo por uma boneca igual a ela dada por sua mãe. Essa boneca representa a intuição e é o aspecto primordial da Mulher Selvagem abordado na história. A princípio, iríamos fazer uma boneca pequena, uma vez que, na história, Vasalisa anda com ela no bolso. Decidimos, porém, fazê-la maior para que ela fosse melhor visualizada na totalidade da fotografia e para que sua importância fosse destacada.

A vara com a caveira é outro objeto de extrema importância, pois é nela que está a chama do conhecimento. Apesar de inúmeras tentativas, não conseguimos fazer com que a caveira fosse candente. Decidimos, então, adicionar mais um objeto de cena, as velas, para que representassem o fogo.

A pose de Vasalisa demonstra confiança e sabedoria. Com ela, está a caveira, que guarda a chama do conhecimento, e a boneca, que representa a intuição.

Abaixo, o plano da carta.

Figura 13 – Plano da carta da personagem Vasalisa



*FONTE: Arquivo pessoal*

### 7.3. PÓS-PRODUÇÃO

Inicialmente, pensamos em imprimir somente uma carta para cada personagem e um encarte explicativo, com mais algumas das fotos realizadas, junto dos contos originais na íntegra. No entanto, pensamos que o produto seria mais completo com mais cartas, e decidimos criar três cartas para cada personagem, totalizando em 12 cartas no total.

Decidimos elaborar cartas para que o material se tornasse manuseável. Como a proposta inicial era de aproximar leitores das personagens do livro de uma forma mais lúdica, acreditamos que transformar esse ensaio em um produto material não apenas para ser contemplado, mas tocado, seria mais interessante dentro do nosso objetivo.

Achamos que seria esclarecedor para qualquer pessoa que visse o produto que os contos estivessem anexados a ele. Assim, produzimos um encarte no Adobe InDesign com as histórias e as análises presentes nesse trabalho para colocar na caixa junto com as cartas impressas.

Escolher quais fotografias seriam transformadas em carta não foi um processo tão difícil, pois antes mesmo de fotografar já havíamos pensado em poses e nos guiamos nessas ideias ao realizar os ensaios.

A impressão das cartas foi realizada em *fine art* em papel 100% algodão e o encarte foi impresso em papel couchê fosco com gramatura 180.

7.4.RESULTADO FINAL DAS CARTAS





LA LOBA

AQUELA QUE SABE





BARBA AZUL

A INICIAÇÃO







A INICIAÇÃO





MULHER ESQUELETO

A VIDA-MORTE-VIDA









## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser mulher é um ato de resistência. A conquista do espaço feminino nas áreas criativas e do conhecimento é uma luta constante, e, embora já tenha avançado muito, não pode parar.

Ao longo de nosso crescimento e amadurecimento pessoal, entramos em contato com ideais que nos fizeram refletir acerca dos padrões estéticos e comportamentais que, socialmente, se espera que as mulheres correspondam. Pudemos abrir portas, nos empoderar enquanto mulheres, aprender a conviver com as diferenças e aceitar nossos corpos e individualidades.

Entramos em contato com o livro *Mulheres que Correm com os Lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem* por meio de recomendações de amigas, e nos surpreendemos com a forma que Estés consegue, por meio da análise de histórias antigas, fazer com que tantas mulheres se identifiquem com as vivências por ela descritas. Por ter tido um impacto pessoal tão significativo em tantas pessoas ao nosso redor, incluindo nós mesmas, decidimos nos aventurar na possibilidade de tornar a experiência que o livro nos trouxe acessível para outras pessoas de uma forma mais lúdica.

Refletir sobre o fato de histórias tão antigas ainda se mostrarem tão atuais nos marcou. Tivemos o cuidado em contar para as nossas modelos as histórias de todas as personagens, de forma que elas também se aproximassem daquele conteúdo. Ainda que nossas modelos tivessem uma enorme diversidade estética, de idade e de personalidade, todas conseguiram se relacionar em algum ponto com aqueles contos.

É importante destacar que, embora o livro tenha servido como base para o nosso trabalho e tenhamos encontrado muitas ideias interessantes acerca das mulheres na obra, em alguns momentos a autora reforça estereótipos de gênero com os quais não concordamos. Além disso, em muitos momentos Estés cita traços das mulheres como se fossem inerentes a elas, como a sensibilidade, o instinto materno e protetor, esquecendo que a diversidade entre as mulheres é enorme e que não existe uma fórmula que dite o que é ser mulher.

Uma grande parte de desenvolver um trabalho teórico desse cunho é compreender que nem sempre iremos seguir à risca tudo aquilo que alguma autora ou autor diz e



acredita. Por isso, sentimos a necessidade de explicitar que, apesar dessa obra conter um grande avanço na representação das mulheres, ainda assim há algumas permanências que podem ser observadas e contestadas.

É claro que ainda somos aprendizes e o nosso trabalho ainda tem muito a ser aprimorado. Durante nosso processo, fomos descobrindo técnicas novas de fotografia que agilizaram e otimizaram o ensaio que se sucedia. Ainda que o nosso projeto tenha tido alguns obstáculos no percurso, terminamos muito orgulhosas do nosso resultado final.

Infelizmente, o nosso trabalho de conclusão de curso foi realizado em um curto período de tempo. Por isso, não pudemos realizar tantas fotografias como gostaríamos e, principalmente, nos aprofundar na escrita sobre o trabalho de mulheres fotógrafas e sobre a história do feminismo, tanto de um panorama geral quanto de especificidades da arte.

Agora, temos como objetivo dar continuidade ao produto, divulgando esse material não apenas em sua forma física - as cartas - mas também no formato digital, para que essa mensagem possa atingir outras mulheres.

Por fim, ficamos muito gratas pela oportunidade de trabalhar com um tema que nos é tão relevante. Toda a experiência acumulada durante o nosso processo de produção, do início ao fim, foi extremamente engrandecedora.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BOTTI, Mariana Meloni Vieira. **Fotografia e Fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher**. Cadernos Pagu (UNICAMP): Campinas, v. 21, p. 103-131, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DEFREITAS, Mônica. Artigo sobre o livro: SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- FABRIS, Annateresa. *Identidades virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico*. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2004.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- NICOLAU, Marcos et al. **Comunicação e Semiótica: visão geral e introdutória à Semiótica de Peirce**. Revista eletrônica Temática, v. 6, n 08, ago. 2010. <Disponível em: [http://www.insite.pro.br/2010/agosto/semiotica\\_peirce\\_nicolau.pdf](http://www.insite.pro.br/2010/agosto/semiotica_peirce_nicolau.pdf). Acesso em 08/11/2017>.
- NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. São Paulo: Aurora, 2016 (Ensaio 6). Disponível em: <<http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>> Acesso em 02 de novembro de 2017.
- SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

# 10. APÊNDICES

## 10.1. MURAL NO PINTEREST COM AS CARTAS

[TCC] cartas

Organizar

criar pin

Antient Tarot Cards  
Julia Melo [TCC] cartas

baralho  
Julia Melo [TCC] cartas

Eclipsosment  
Julia Melo [TCC] cartas

The tower (when upside down) means to be exiting a chock...  
Julia Melo [TCC] cartas

The After Tarot shows what might have happened next in each...  
Julia Melo [TCC] cartas

Tarot Book Set  
Julia Melo [TCC] cartas

Tarot Cards: Everything There is to Know About Readings and...  
Julia Melo [TCC] cartas

what's this? "what deck is this?" According to the Deck...  
Julia Melo [TCC] cartas

baralho  
Julia Melo [TCC] cartas

Morte  
Julia Melo [TCC] cartas

O Tarot desvendado o seu in...  
Julia Melo [TCC] cartas

endings and beginnings in tarot!  
Julia Melo [TCC] cartas

Tarot card 17- the Star by rain-paintings.deviart.com on...  
Julia Melo [TCC] cartas

[TCC] figurino

Organizar

criar pin

Mujer en Curio: La Loba por Chasms Prekoda  
Julia Melo [TCC] figurino

"La Loba (She wolf)" - "The gather of bones" - the 2 million...  
Julia Melo [TCC] figurino

La Loba by Leteme-Magica  
Julia Melo [TCC] figurino

Jeitaproof  
Julia Melo [TCC] figurino

A lovely Crome and her wolf.  
Julia Melo [TCC] figurino

This photograph became a starting point to the development...  
Julia Melo [TCC] figurino

Carnivorous life cycle artwork drawing  
Julia Melo [TCC] figurino

She looked into the sky and her heart fluttered seeing the...  
Julia Melo [TCC] figurino

RESERVED: Skeleton Woman, Custom folk tale painting, original...  
Julia Melo [TCC] figurino

Death and the Maiden, Death grim Reaper Father Time 807he...  
Julia Melo [TCC] figurino

Saba yaga. In Russian folklore there are many stories of...  
Julia Melo [TCC] figurino

Bealain's Tales... SABA YAGA - The Black Goddess  
Julia Melo [TCC] figurino

Comtos do leste europeu por Lisa Parde  
Julia Melo [TCC] figurino

Ivan Bibin. Again from Vasilisa Prekrasnaya (Vasilisa the...  
Julia Melo [TCC] figurino

Provoideade

<https://br.pinterest.com/ipin/406309197623026380/>

## 11. ANEXOS

### 11.1. CONTO BARBA AZUL

Existe uma mecha de barba que fica guardada no convento das freiras brancas nas montanhas distantes. Como chegou até o convento, ninguém sabe. Uns dizem que foram as freiras que enterraram o que sobrou do seu corpo, já que ninguém mais se dispunha a nele tocar. Desconhece-se o motivo pelo qual as freiras iriam guardar uma relíquia dessa natureza, mas é verdade. Uma amiga de uma amiga minha viu com seus próprios olhos. Ela diz que a barba é azul, da cor do índigo para ser exata. É tão azul quanto o gelo escuro no lago, tão azul quanto a sombra de um buraco à noite. Essa barba pertenceu um dia a alguém de quem se dizia ser um mágico fracassado, um homem gigantesco com uma queda pelas mulheres, um homem conhecido pelo nome de Barba-azul.

Dizia-se que ele cortejava três irmãs ao mesmo tempo. As moças tinham, porém, pavor de sua barba com aquele estranho reflexo azul e, por isso, se escondiam quando ele chamava. Num esforço para convencê-las da sua cordialidade, ele as convidou para um passeio na floresta. Chegou conduzindo cavalos enfeitados com sinos e fitas cor-de-carmim. Acomodou as irmãs e a mãe nos cavalos, e partiram a meio-galope floresta adentro. Lá passaram um dia maravilhoso cavalgando, e seus cães corriam a seu lado e à sua frente. Mais tarde, pararam debaixo de uma árvore gigantesca, e o Barba-azul as regalou com histórias e lhes serviu guloseimas.

“Bem, talvez esse Barba-azul não seja um homem tão mau assim”, começaram a pensar as irmãs.

Voltaram para casa tagarelando sobre como o dia havia sido interessante e como haviam se divertido. Mesmo assim, as suspeitas e temores das duas irmãs mais velhas voltaram, e elas juraram que não veriam o Barba-azul de novo. A irmã mais nova, no entanto, achou que, se um homem podia ser tão encantador, talvez ele não fosse tão mau. Quanto mais ela falava consigo mesma, menos assustador ele lhe parecia, e sua barba também parecia ser menos azul.

Portanto, quando o Barba-azul pediu sua mão em casamento, ela aceitou. Ela havia refletido muito sobre a sua proposta e concluído que ia se casar com um homem muito distinto. Foi assim que se casaram e, em seguida, partiram para seu castelo no bosque.

— Vou precisar viajar por algum tempo — disse ele um dia à mulher. — Convide sua família para vir aqui se quiser. Você pode cavalgar nos bosques, mandar os cozinheiros prepararem um banquete, pode fazer o que quiser, qualquer desejo que seu coração tenha. Para você ver, tome minhas chaves. Pode abrir toda e qualquer porta das despensas, dos cofres, qualquer porta do castelo; mas essa chavinha, a que tem no alto uns arabescos, você não deve usar.

— Está bem, vou fazer o que você pediu. Parece que está tudo certo. Portanto, pode ir, meu querido, não se preocupe e volte logo. — E assim ele partiu, e ela ficou. Suas irmãs vieram visitá-la e elas sentiam, como todo mundo, muita curiosidade a respeito das instruções do dono da casa quanto ao que deveria ser feito enquanto ele estivesse fora. A jovem esposa falou alegremente.

— Ele disse que podemos fazer o que quisermos e entrar em qualquer aposento que desejarmos, com exceção de um. Só que eu não sei qual é esse aposento. Só tenho uma chave e não sei que porta ela abre.

As irmãs resolveram fazer um jogo para ver que chave servia em que porta. O castelo tinha três andares, com cem portas em cada ala, e como havia muitas chaves no chaveiro, elas iam de porta em porta, divertindo-se imensamente ao abrir cada uma delas. Atrás de uma porta, havia uma despensa para mantimentos, atrás de outra, um depósito de dinheiro. Todos os tipos de bens estavam atrás das portas, e tudo parecia maravilhoso o tempo todo. Afinal, depois de verem todas aquelas maravilhas, elas acabaram chegando ao porão e, ao final do corredor, a uma parede fechada.

Ficaram intrigadas com a última chave, a que tinha o pequeno arabesco.

— Talvez essa chave não sirva para abrir nada. — Enquanto diziam isso, ouviram um ruído estranho — errrrrrrr. — Deram uma espiada na esquina do corredor e — que surpresa! — havia uma pequena porta que acabava de se fechar. Quando tentaram abri-la, ela estava trancada.

— Irmã, irmã, traga sua chave — gritou uma delas. — Sem dúvida é essa a porta para aquela chavinha misteriosa.

Sem pestanejar, uma das irmãs pôs a chave na fechadura e a girou. O trinco rangeu, a porta abriu-se, mas lá dentro estava tão escuro que nada se via.

— Irmã, irmã, traga uma vela. — Uma vela foi acesa e mantida no alto um pouco para dentro do aposento, e as três mulheres gritaram ao mesmo tempo, porque no quarto havia uma enorme poça de sangue; ossos humanos enegrecidos estavam

jogados por toda a parte e crânios estavam empilhados nos cantos como pirâmides de maçãs.

Elas fecharam a porta com violência, arrancaram a chave da fechadura e se apoiaram umas nas outras arquejantes, com o peito arfando. Meu Deus! Meu Deus!

A esposa olhou para a chave e viu que ela estava manchada de sangue. Horrorizada, usou a saia para limpá-la, mas o sangue prevaleceu.

— Oh, não! — exclamou. Cada uma das irmãs apanhou a chave minúscula nas mãos e tentou fazer com que voltasse ao que era antes, mas o sangue não saía.

A esposa escondeu a chavinha no bolso e correu para a cozinha. Quando lá chegou, seu vestido branco estava manchado de vermelho do bolso até a bainha pois a chave vertia lentamente lágrimas de sangue vermelho-escuro.

— Rápido, rápido, dê-me um esfregão de crina — ordenou ela à cozinheira. Esfregou a chave com vigor, mas nada conseguia deter seu sangramento. Da chave minúscula transpirava uma gota após outra de sangue vermelho.

Ela levou a chave para fora, tirou cinzas do fogão a lenha, cobriu a chave de cinzas e esfregou mais. Colocou-a no calor do fogo para cauterizá-la. Pôs teia de aranha nela para estancar o fluxo, mas nada conseguia deter as lágrimas de sangue.

— Ai, o que vou fazer? — lamentou-se ela. — Já sei, vou guardar a chave. Vou colocá-la no guarda-roupa e fechar a porta. Isso é um pesadelo. Tudo vai dar certo. — E foi o que fez.

O marido chegou de volta exatamente na manhã do dia seguinte e entrou no castelo já procurando pela esposa.

— E então, como foram as coisas enquanto eu estive fora?

— Tudo correu bem, senhor.

— Como estão minhas despensas? — trovejou o marido.

— Muito bem, senhor.

— E como estão meus depósitos de dinheiro? — rosnou ele.

— Os depósitos de dinheiro também estão bem, senhor.

— Então, tudo está certo, esposa?

— É, tudo está certo.

— Bem — sussurrou ele —, então é melhor devolver minhas chaves.

Com um relancear de olhos, ele percebeu a falta de uma chave.

— Onde está a menorzinha?

— Eu... eu a perdi. É, eu a perdi. Estava passeando a cavalo, o chaveiro caiu e eu devo ter perdido uma chave.

— O que você fez com ela, mulher?

— Não... não me lembro.

— Não minta para mim! Diga-me o que fez com aquela chave!

Ele tocou seu rosto como se fosse lhe fazer um carinho, mas em vez disso a segurou pêlos cabelos.

— Sua traidora! — rosnou, jogando-a ao chão. — Você entrou naquele quarto, não entrou?

Ele abriu o guarda-roupa com brutalidade e a pequena chave na prateleira de cima havia sangrado, manchando de vermelho todos os belos vestidos de seda que estavam pendurados.

— Chegou a sua vez, minha querida — berrou ele, arrastando-a pelo corredor e pelo porão adentro até pararem diante da terrível porta. O Barba-azul apenas olhou para a porta com seus olhos enfurecidos, e ela se abriu para ele. Ali jaziam os esqueletos de todas as suas esposas anteriores.

— Vai ser agora!!! — rugiu ele, mas ela se agarrou ao batente da porta sem largar, implorando por clemência.

— Por favor, permita que eu me acalme e me prepare para a morte. Concedame quinze minutos antes de me tirar a vida para que eu possa me reconciliar com Deus.

— Está bem — rosnou ele. — Você tem seus quinze minutos, mas prepare-se.

A esposa correu escada acima até seus aposentos e determinou que suas irmãs fossem para as muradas do castelo. Ajoelhou-se para rezar, mas, em vez de rezar, gritou para as irmãs.

— Irmãs, irmãs, vocês estão vendo a chegada dos nossos irmãos?

— Não vemos nada, nada na planície nua. A cada instante ela gritava para as muradas.

— Irmãs, irmãs, estão vendo nossos irmãos chegando?

— Vemos um redemoinho, talvez um redemoinho de areia bem longe.

Enquanto isso, o Barba-azul esbravejava para que sua esposa descesse até o porão para ser decapitada.

— Irmãs, irmãs! Estão vendo nossos irmãos chegando? — gritou ela mais uma vez.

O Barba-azul berrou novamente pela esposa e veio subindo a escada de pedra com passos pesados.

— Estamos, estamos vendo nossos irmãos — exclamaram as irmãs. — Eles estão aqui e acabam de entrar no castelo.

O Barba-azul vinha pelo corredor na direção dos aposentos da esposa.

— Vim apanhá-la — gritou ele. Suas passadas eram pesadas; as pedras no piso se soltavam; a areia da argamassa caía esfarinhada no chão.

No instante em que o Barba-azul entrou nos aposentos com as mãos esticadas para agarrá-la, seus irmãos chegaram galopando pelo corredor do castelo ainda montados, entrando assim no quarto. Ali eles encurralaram o Barba-azul fazendo com que saísse até a balaustrada. E ali mesmo, com suas espadas, avançaram contra ele, golpeando e cortando, fustigando e retalhando, até derrubá-lo ao chão, matando-o afinal e deixando para os abutres o que sobrou dele.



## 11.2. CONTO LA LOBA

Existe uma velha que vive num lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos já viram. Como nos contos de fadas da Europa oriental, ela parece esperar que cheguem até ali pessoas que se perderam, que estão vagueando ou à procura de algo.

Ela é circunspecta, quase sempre cabeluda e invariavelmente gorda, e demonstra especialmente querer evitar a maioria das pessoas. Ela sabe crocitar e cacarejar, apresentando geralmente mais sons animais do que humanos.

Dizem que ela vive entre os declives de granito decomposto no território dos índios tarahumara. Dizem que está enterrada na periferia de Phoenix perto de um poço. Dizem que foi vista viajando para o sul, para o Monte Alban<sup>3</sup> num carro incendiado com a janela traseira arrancada. Dizem que fica parada na estrada perto de El Paso, que pega carona aleatoriamente com caminhoneiros até Morelia, México, ou que foi vista indo para a feira acima de Oaxaca, com galhos de lenha de estranhos formatos nas costas. Ela é conhecida por muitos nomes: *La Huesera*, a Mulher dos Ossos; *La Trapera*, a Trapeira; e *La Loba*, a Mulher-lobo.

O único trabalho de *La Loba* é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. Sua caverna é cheia dos ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o veado, a cascavel, o corvo. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos.

Ela se arrasta sorrateira e esquadrinha as *montañas* e os *arroyos*, leitos secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar.

Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se ferrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pêlos. *La Loba* canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva para cima, forte e desgrenhado.

*La Loba* canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar.

E *La Loba* ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro.

Em algum ponto da corrida, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco,

o lobo de repente é transformado numa mulher que ri e corre livre na direção do horizonte.

Por isso, diz-se que, se você estiver perambulando pelo deserto, por volta do pôr-do-sol, e quem sabe esteja um pouco perdido, cansado, sem dúvida você tem sorte, porque *La Loba* pode simpatizar com você e lhe ensinar algo — algo da alma.

### 11.3. CONTO MULHER-ESQUELETO

Ela havia feito alguma coisa que seu pai não aprovava, embora ninguém mais se lembrasse do que havia sido. Seu pai, no entanto, a havia arrastado até os penhascos, atirando-a ao mar. Lá, os peixes devoraram sua carne e arrancaram seus olhos. Enquanto jazia no fundo do mar, seu esqueleto rolou muitas vezes com as correntes.

Um dia um pescador veio pescar. Bem, na verdade, em outros tempos muitos costumavam vir a essa baía pescar. Esse pescador, porém, estava afastado da sua colônia e não sabia que os pescadores da região não trabalhavam ali sob a alegação de que a enseada era mal-assombrada.

O anzol do pescador foi descendo pela água abaixo e se prendeu — logo em quê! — nos ossos das costelas da Mulher-esqueleto. O pescador pensou: "Oba, agora peguei um grande de verdade! Agora peguei um mesmo!" Na sua imaginação, ele já via quantas pessoas esse peixe enorme iria alimentar, quanto tempo sua carne duraria, quanto tempo ele se veria livre da obrigação de pescar. E enquanto ele lutava com esse enorme peso na ponta do anzol, o mar se encapelou com uma espuma agitada, e o caiaque empinava e sacudia porque aquela que estava lá embaixo lutava para se soltar. E quanto mais ela lutava, tanto mais ela se enredava na linha. Não importa o que fizesse, ela estava sendo inexoravelmente arrastada para a superfície, puxada pelos ossos das próprias costelas.

O pescador havia se voltado para recolher a rede e, por isso, não viu a cabeça calva surgir acima das ondas; não viu os pequenos corais que brilhavam nas órbitas do crânio; não viu os crustáceos nos velhos dentes de marfim. Quando ele se voltou com a rede nas mãos, o esqueleto inteiro, no estado em que estava, já havia chegado à superfície e caía suspenso da extremidade do caiaque pelos dentes incisivos.

— Agh! — gritou o homem, e seu coração afundou até os joelhos, seus olhos se esconderam apavorados no fundo da cabeça e suas orelhas arderam num vermelho forte. — Agh! — berrou ele, soltando-a da proa com o remo e começando a remar loucamente na direção da terra. Sem perceber que ela estava emaranhada na sua

linha, ele ficou ainda mais assustado pois ela parecia estar em pé, a persegui-lo o tempo todo até a praia. Não importava de que jeito ele desviasse o caiaque, ela continuava ali atrás. Sua respiração formava nuvens de vapor sobre a água, e seus braços se agitavam como se quisessem agarrá-lo para levá-lo para as profundezas.

— Aaagggggghhhh! — uivava ele, quando o caiaque encalhou na praia. De um salto ele estava fora da embarcação e saía correndo agarrado à vara de pescar. E o cadáver branco da Mulher-esqueleto, ainda preso à linha de pescar, vinha aos solavancos bem atrás dele. Ele correu pelas pedras, e ela o acompanhou. Ele atravessou a tundra gelada, e ela não se distanciou. Ele passou por cima da carne que havia deixado a secar, rachando-a em pedaços com as passadas dos seus *mukluks*.

O tempo todo ela continuou atrás dele, na verdade até pegou um pedaço do peixe congelado enquanto era arrastada. E logo começou a comer, porque há muito, muito tempo não se saciava. Finalmente, o homem chegou ao seu iglu, enfiou-se direto no túnel e, de quatro, engatinhou de qualquer jeito para dentro. Ofegante e soluçante, ele ficou ali deitado no escuro, com o coração parecendo um tambor, um tambor enorme. Afinal, estava seguro, ah, tão seguro, é, seguro, graças aos deuses, Raven, é, graças a Raven, é, e também à todo-generosa Sedna, em segurança, afinal.

Imaginem quando ele acendeu sua lamparina de óleo de baleia, ali estava ela — aquilo — jogada num monte no chão de neve, com um calcanhar sobre um ombro, um joelho preso nas costelas, um pé por cima do cotovelo. Mais tarde ele não saberia dizer o que realmente aconteceu. Talvez a luz tivesse suavizado suas feições; talvez fosse o fato de ele ser um homem solitário. Mas sua respiração ganhou um quê de delicadeza, bem devagar ele estendeu as mãos encardidas e, falando baixinho como a mãe fala com o filho, começou a soltá-la da linha de pescar.

— Oh, na, na, na. — Ele primeiro soltou os dedos dos pés, depois os tornozelos. — Oh, na, na, na. — Trabalhou sem parar noite adentro, até cobri-la de peles para aquecê-la, já que os ossos da Mulher-esqueleto eram iguaizinhos aos de um ser humano.

Ele procurou sua pederneira na bainha de couro e usou um pouco do próprio cabelo para acender mais um foguinho. Ficou olhando para ela de vez em quando enquanto passava óleo na preciosa madeira da sua vara de pescar e enrolava novamente sua linha de seda. E ela, no meio das peles, não pronunciava palavra —

não tinha coragem — para que o caçador não a levasse lá para fora e a jogasse lá embaixo nas pedras, quebrando totalmente seus ossos.

O homem começou a sentir sono, enfiou-se nas peles de dormir e logo estava sonhando. Às vezes, quando os seres humanos dormem, acontece de uma lágrima escapar do olho de quem sonha. Nunca sabemos que tipo de sonho provoca isso, mas sabemos que ou é um sonho de tristeza ou de anseio. E foi isso o que aconteceu com o homem.

A Mulher-esqueleto viu o brilho da lágrima à luz do fogo, e de repente ela sentiu uma sede daquelas. Ela se aproximou do homem que dormia, rangendo e retinindo, e pôs a boca junto à lágrima. Aquela única lágrima foi como um rio, que ela bebeu, bebeu e bebeu até saciar sua sede de tantos anos.

Enquanto estava deitada ao seu lado, ela estendeu a mão para dentro do homem que dormia e retirou seu coração, aquele tambor forte. Sentou-se e começou a batucar dos dois lados do coração: *Bom, Bomm!... Bom, Bomm!*

Enquanto marcava o ritmo, ela começou a cantar em voz alta.

— Carne, carne, carne! Carne, carne, carne! — E quanto mais cantava, mais seu corpo se revestia de carne. Ela cantou para ter cabelo, olhos saudáveis e mãos boas e gordas. Ela cantou para ter a divisão entre as pernas e seios compridos o suficiente para se enrolarem e dar calor, e todas as coisas de que as mulheres precisam.

Quando estava pronta, ela também cantou para despir o homem que dormia e se enfiou na cama com ele, a pele de um tocando a do outro. Ela devolveu o grande tambor, o coração, ao corpo dele, e foi assim que acordaram, abraçados um ao outro, enredados da noite juntos, agora de outro jeito, de um jeito bom e duradouro.

As pessoas que não conseguem se lembrar de como aconteceu sua primeira desgraça dizem que ela e o pescador foram embora e sempre foram bem alimentados pelas criaturas que ela conheceu na sua vida debaixo d'água. As pessoas garantem que é verdade e que é só isso o que sabem.

#### 11.4. CONTO VASALISA

Era uma vez, e não era uma vez, uma jovem mãe que jazia no seu leito de morte, com o rosto pálido como as rosas brancas de cera na sacristia da igreja dali de perto. Sua filhinha e seu marido estavam sentados aos pés da sua velha cama de madeira e oravam para que Deus a conduzisse em segurança até o outro mundo.

A mãe moribunda chamou Vasalisa, e a criança de botas vermelhas e avental branco ajoelhou-se ao lado da mãe.

— Essa boneca é para você, meu amor — sussurrou a mãe, e da coberta felpuda ela tirou uma bonequinha minúscula que, como a própria Vasalisa, usava botas vermelhas, avental branco, saia preta e colete todo bordado com linha colorida.

— Estas são as minhas últimas palavras, querida — disse a mãe. — Se você se perder ou precisar de ajuda, pergunte à boneca o que fazer. Você receberá ajuda. Guarde sempre a boneca. Não fale a ninguém sobre ela. Dê-lhe de comer quando ela estiver com fome. Essa é a minha promessa de mãe para você, minha bênção, querida. — E, com essas palavras, a respiração da mãe mergulhou nas profundezas do seu corpo, onde recolheu sua alma, e saiu correndo pelos lábios; e a mãe morreu.

A criança e o pai choraram sua morte muito tempo. No entanto, como o campo arrasado pela guerra, a vida do pai voltou a verdejar por entre os sulcos e ele desposou uma viúva com duas filhas. Embora a nova madrasta e suas filhas fossem gentis e sorrissem como damas, havia algo de corrosivo por trás dos sorrisos que o pai de Vasalisa não percebia.

Realmente, quando as três estavam sozinhas com Vasalisa, elas a atormentavam, forçavam-na a lhes servir de criada, mandavam-na cortar lenha para que sua pele delicada se ferisse. Elas a detestavam porque Vasalisa tinha uma doçura que não parecia deste mundo. Ela era também muito bonita. Seus seios eram fartos, enquanto os delas definhavam de maldade. Ela era solícita e não se queixava, enquanto a madrasta e as duas filhas eram, entre si mesmas, como ratos no monte de lixo à noite.

Um dia a madrasta e suas filhas simplesmente não conseguiam mais aguentar Vasalisa.

— Vamos... combinar de deixar o fogo se apagar e, então, vamos mandar Vasalisa entrar na floresta para ir pedir fogo para nossa lareira a Baba Yaga, a bruxa. E, quando ela chegar até Baba Yaga, bem, a velha irá matá-la e comê-la. — As três bateram palmas e guincharam como animais que vivem na escuridão.

Por isso, naquela noite, quando Vasalisa voltou para casa depois de catar lenha, a casa estava completamente às escuras. Ela ficou muito preocupada e falou com a madrasta.

— O que aconteceu? Como vamos fazer para cozinhar? O que vamos fazer para iluminar as trevas?

— Sua imbecil — reclamou a madrasta. — É claro que não temos fogo. E eu não posso sair para o bosque devido à minha idade. Minhas filhas não podem ir porque têm medo. Você é a única que tem condições de sair floresta adentro para encontrar Baba Yaga e conseguir dela uma brasa para acender nosso fogo de novo.

— Ora, está bem — respondeu Vasalisa inocente. — É o que vou fazer. — E foi mesmo. A floresta ia ficando cada vez mais escura, e os gravetos estalavam sob seus pés, deixando assustada. Ela enfiou a mão bem fundo no bolso do avental e ali estava a boneca que a mãe ao morrer lhe havia dado.

— Só de tocar nessa boneca, já me sinto melhor — disse Vasalisa, acariciando a boneca no bolso.

— A cada bifurcação da estrada, Vasalisa enfiava a mão no bolso e consultava a boneca. “Bem, eu devo ir para a esquerda ou para direita?” A boneca respondia “Sim”, “Não”, “Para esse lado” ou “Para aquele lado”. E Vasalisa dava à boneca um pouco de pão enquanto ia caminhando, seguindo o que sentia estar emanando da boneca.

De repente, um homem de branco num cavalo branco passou galopando, e o dia nasceu. Mais adiante, um homem de vermelho passou montado num cavalo vermelho, e o sol apareceu. Vasalisa caminhou e caminhou e, bem na hora em que estava chegando ao casebre de Baba Yaga, um cavaleiro vestido de negro passou trotando e entrou direto no casebre. Imediatamente fez-se noite. A cerca feita de caveiras e ossos ao redor da choupana começou a refulgir com um fogo interno de tal forma que a clareira ali na floresta ficou iluminada com uma luz espectral.

Ora, Baba Yaga era uma criatura muito temível. Ela viajava, não num coche, nem numa carruagem, mas num caldeirão com o formato de um gral que voava sozinho. Ela remava esse veículo com um remo que parecia um pilão e o tempo todo varria o rastro por onde passava com uma vassoura feita do cabelo de alguém morto há muito tempo.

E o caldeirão veio voando pelo céu, com o próprio cabelo sebento de Baba Yaga na esteira. Seu queixo comprido curvado para cima e seu longo nariz era curvado para baixo de modo que os dois se encontravam a meio caminho. Baba Yaga tinha um

ínfimo cavanhaque branco e verrugas na pele adquiridas de seus contatos com sapos. Suas unhas manchadas de marrom eram grossas e estriadas como telhados, e tão compridas e recurvas que ela não conseguia fechar a mão.

Ainda mais estranha era a casa de Baba Yaga. Ela ficava em cima de enormes pernas de galinha, amarelas e escamosas, e andava de um lado para o outro sozinha. Ela às vezes girava e girava como uma bailarina em transe. As cavilhas nas portas e janelas eram feitas de dedos humanos, das mãos e dos pés e a tranca da porta da frente era um focinho com muitos dentes pontiagudos.

Vasalisa consultou sua boneca. "E essa casa que procuramos?" E a boneca, a seu modo, respondeu: "É, é essa a que procuramos." E antes que ela pudesse dar mais um passo. Baba Yaga no seu caldeirão desceu sobre Vasalisa, aos gritos.

— O que você quer?

— Vovó, vim apanhar fogo — respondeu a menina, estremecendo. — Está frio na minha casa... o meu pessoal vai morrer... preciso de fogo.

— Ah, sssssei — retrucou Baba Yaga, rabugenta. — Conheço você e o seu pessoal. Bem, criança inútil... você deixou o fogo se apagar. O que é muita imprudência. Além do mais, o que a fez pensar que eu lhe daria a chama?

— Porque eu estou pedindo — respondeu rápido Vasalisa depois de consultar a boneca.

— Você tem sorte — ronronou Baba Yaga. — Essa é a resposta certa.

E Vasalisa se sentiu com muita sorte por ter acertado a resposta. Baba Yaga, porém, a ameaçou.

— Não há a menor possibilidade de eu lhe dar o fogo antes de você fazer algum trabalho para mim. Se você realizar essas tarefas para mim, receberá o fogo. Se não... — E nesse ponto Vasalisa viu que os olhos de Baba Yaga de repente se transformavam em brasas. — Se não, minha filha, você morrerá.

E assim Baba Yaga entrou pesadamente no casebre, deitou-se na cama e mandou que Vasalisa lhe trouxesse a comida que estava no forno. No forno havia comida suficiente para dez pessoas, e a Yaga comeu tudo, deixando uma pequena migalha e um dedal de sopa para Vasalisa.

Lave minha roupa, varra a casa e o quintal, prepare minha comida, separe o milho mofado do milho bom e certifique-se de que tudo está em ordem. Volto mais tarde para inspecionar seu trabalho. Se tudo não estiver pronto, você será meu banquete.

— E com isso a Baba Yaga partiu voando no seu caldeirão com o nariz lhe servindo de biruta e o cabelo, de vela. E anoiteceu novamente.

— Vasalisa voltou-se para a boneca assim que a Yaga se foi.

— O que vou fazer? Vou conseguir cumprir as tarefas a tempo? — A boneca disse que sim e recomendou que ela comesse algo e fosse dormir. Vasalisa deu algo de comer à boneca também e adormeceu.

Pela manhã, a boneca havia feito todo o trabalho, e só faltava preparar a refeição. À noite, a Yaga voltou e não encontrou nada por fazer. Satisfeita, de certo modo, mas irritada por não conseguir encontrar nenhuma falha, Baba Yaga zombou de Vasalisa.

— Você é uma menina de sorte. — Ela, então, convocou seus fiéis criados para moer o milho, e três pares de mãos apareceram em pleno ar e começaram a raspar e esmagar o milho. Os resíduos pairavam no ar como uma neve dourada. Finalmente, o serviço terminou, e Baba Yaga se sentou para comer. Comeu horas a fio e deu ordens a Vasalisa para que no dia seguinte limpasse a casa, varresse o quintal e lavasse a roupa.

— Naquele monte de estrume — disse a Yaga, apontando para um enorme monte de estrume no quintal — há muitas sementes de papoula, milhões de sementes de papoula. Amanhã quero encontrar um monte de sementes de papoula e um monte de estrume, completamente separados um do outro. Compreendeu?

— Meu Deus, como vou fazer isso? — exclamou Vasalisa, quase desmaiando.

— Não se preocupe, eu me encarrego — sussurrou a boneca, quando a menina enfiou a mão no bolso.

Naquela noite, Baba Yaga adormeceu roncando, e Vasalisa tentou... catar... as... sementes de papoula... do... meio... do... estrume.

— Durma agora — disse-lhe a boneca, depois de algum tempo. — Tudo vai dar certo.

Mais uma vez, a boneca executou todas as tarefas e, quando a velha voltou, tudo estava pronto.

— Ora, ora! Que sorte a sua de conseguir acabar tudo! — disse Baba Yaga, falando sarcástica pelo nariz. Ela chamou seus fiéis criados para prensar o óleo das sementes, e novamente três pares de mãos apareceram e cumpriram a tarefa.

Enquanto a Yaga estava besuntando os lábios na gordura do cozido, Vasalisa ficou parada por perto.

— E aí, o que é que você está olhando? — perguntou Baba Yaga, de mau humor.



— Posso lhe fazer umas perguntas, vovó? — perguntou Vasalisa.

— Pergunte — ordenou a Yaga —, mas lembre-se, saber demais envelhece as pessoas antes do tempo.

Vasalisa perguntou quem era o homem de branco no cavalo branco.

— Ah — respondeu a Yaga, com carinho. — Esse primeiro é o meu Dia.

— E o homem de vermelho no cavalo vermelho?

— Ah, esse é o meu Sol Nascente.

— E o homem de negro no cavalo negro?

— Ah, sim, esse é o terceiro e ele é a minha Noite.

— Entendi — disse Vasalisa.

— Vamos, vamos, minha criança. Não quer me fazer mais perguntas? — sugeriu a Yaga, manhosa.

Vasalisa estava a ponto de perguntar sobre os pares de mãos que apareciam e desapareciam, mas a boneca começou a saltar dentro do bolso e, em vez disso, Vasalisa respondeu.

— Não, vovó. Como a senhora mesma diz, saber demais pode envelhecer a pessoa antes da hora.

— É — disse a Yaga, inclinando a cabeça como um passarinho —, você é muito ajuizada para a sua idade, menina. Como conseguiu isso?

— Foi a bênção da minha mãe — disse Vasalisa, com um sorriso.

— Bênção?! — guinchou Baba Yaga. — Bênção?! Não precisamos de bênção nenhuma aqui nesta casa. É melhor você procurar seu caminho, filha. — E foi empurrando Vasalisa para o lado de fora. — Vou lhe dizer uma coisa, menina. Olhe aqui! — Baba Yaga tirou uma caveira de olhos candentes da cerca e a enfiou numa vara. — Pronto! Leve esta caveira na vara até sua casa. Isso! Esse é o seu fogo. Não diga mais uma palavra sequer. Só vá embora.

Vasalisa ia agradecer à Yaga, mas a bonequinha no fundo do bolso começou a saltar para cima e para baixo, e Vasalisa percebeu que devia só apanhar o fogo e ir embora. Ela voltou correndo para casa, seguindo as curvas e voltas da estrada com a boneca lhe indicando o caminho. Era noite, e Vasalisa atravessou a floresta com a caveira numa vara, com o brilho do fogo saindo pelos buracos dos ouvidos, dos olhos, do nariz e da boca. De repente, ela sentiu medo dessa luz espectral e pensou em jogá-la fora, mas a caveira falou com ela, insistindo para que se acalmasse e prosseguisse para a casa da madrasta e das filhas.

Quando Vasalisa ia se aproximando da casa, a madrasta e suas filhas olharam pela janela e viram uma luz estranha que vinha dançando pela mata. Cada vez chegava mais perto. Elas não podiam imaginar o que aquilo seria. Já haviam concluído que a longa ausência de Vasalisa indicava que ela a essa altura estava morta, que seus ossos haviam sido carregados por animais, e que bom que ela havia desaparecido!

Vasalisa chegava cada vez mais perto de casa. E, quando a madrasta e suas filhas viram que era ela, correram na sua direção dizendo que estavam sem fogo desde que ela havia saído e que, por mais que tentassem acender um, ele sempre se extinguia.

Vasalisa entrou na casa, sentindo-se vitoriosa por ter sobrevivido à sua perigosa jornada e por ter trazido o fogo para casa. No entanto, a caveira na vara ficou observando cada movimento da madrasta e das duas filhas, queimando-as por dentro. Antes de amanhecer, ela havia reduzido a cinzas aquele trio perverso.